



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
BACHARELADO EM GASTRONOMIA**

LEANDRO FLÁVIO RESTREPO FROTA

**COMUNIDADE INDÍGENA POTIGUARA “MENDONÇA” DO AMARELÃO
(JOÃO CÂMARA, RIO GRANDE DO NORTE): IMPORTÂNCIA DA CAÇA EM
SEU COTIDIANO ALIMENTAR.**

FORTALEZA

2018

LEANDRO FLÁVIO RESTREPO FROTA

**COMUNIDADE INDÍGENA POTIGUARA “MENDONÇA” DO AMARELÃO
(JOÃO CÂMARA, RIO GRANDE DO NORTE): IMPORTÂNCIA DA CAÇA EM
SEU COTIDIANO ALIMENTAR.**

Monografia apresentada ao curso de Gastronomia da Universidade Federal do Ceará, como requisito o parcial à obtenção do título de Bacharel em Gastronomia. Área de concentração: Gastronomia.

Orientadora: Profa. Dra. Eveline de Alencar Castro

Co-orientadora: Profa. Dra. Adryane Gorayeb.

FORTALEZA

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- F961c Frota, Leandro Flávio Restrepo.
Comunidade indígena potiguara "Mendonça" do amarelão (João Câmara, Rio Grande do Norte) :
importância da caça em seu cotidiano alimentar / Leandro Flávio Restrepo Frota. – 2018.
71 f. : il. color.
- Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de cultura e
Arte, Curso de Gastronomia, Fortaleza, 2018.
Orientação: Profa. Dra. Eveline de Alencar Castro.
Coorientação: Profa. Dra. Adryane Gorayeb.
1. Gastronomia. 2. Caça. 3. Índios. 4. Cultura. I. Título.

CDD 641.013

LEANDRO FLÁVIO RESTREPO FROTA

**COMUNIDADE INDÍGENA POTIGUARA “MENDONÇA” DO AMARELÃO
(JOÃO CÂMARA, RIO GRANDE DO NORTE): IMPORTÂNCIA DA CAÇA EM
SEU COTIDIANO ALIMENTAR.**

Monografia apresentada ao curso de Gastronomia da Universidade Federal do Ceará, como requisito o parcial à obtenção do título de Bacharel em Gastronomia. Área de concentração: Gastronomia.

Aprovada em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Eveline de Alencar Costa (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dra. Adryane Gorayeb (Co orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Ms. Leopoldo Gondim Neto
Universidade Federal do Ceará (UFC)

A todos que creem na Gastronomia de
forma acessível, social e cultural, meu
eterno agradecimento por trazer de volta
a verdadeira essência da palavra.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Maria das Graças, que sempre com muita paciência, dedicação, empenho, força, carinho, compreensão, suporte e um amor incondicional, me apoiou em cada decisão e hoje é a principal responsável pelo resultado desse trabalho.

Aos meus irmãos Fábio e Fabiana que me ensinaram o que é certo e o que é errado, me deram discernimento, moral e me mostraram o respeito pelas pessoas desde muito pequeno. Vocês são meus grandes exemplos.

À minha querida avó Dona Lourdes e ao meu Pai Antonio Flório, que em vida foram sublimes e após o termino de suas passagens deixaram um legado que jamais será esquecido. Cada palavra, cada gesto, cada momento que passamos juntos nunca irão se apagar de minha memória. Sem vocês, hoje eu nada seria. Impossível falar de vocês sem falar de amor. Meu eterno obrigado e até breve.

A minha tia Luna, meu tio Markus, meus primos Henrique e Markus Henrique que nunca me deixaram na mão e sempre tiveram a atenção que eu precisava nos momentos mais difíceis. Vocês são minha família e nada irá nos separar. Sou muito grato à vocês.

À minha amiga Brena Ingrid que me mostrava diariamente que jamais devo deixar de acreditar em mim, que nunca devo desistir dos meus sonhos e que quando estamos juntos, somos inabaláveis. Minha parceira. Obrigado sempre.

Aos meus professores do curso de Gastronomia meu caloroso agradecimento, sem exceções, pois hoje levo um pouquinho de cada um de vocês aqui comigo, na minha carreira e na minha vida pessoal.

À excelentíssima orientadora Profa. Dra. Eveline de Alencar Costa, que desde os primórdios acreditou em mim, me deu oportunidades, me motivou, me incentivou, me ensinou inúmeras facetas de uma gastronomia que brilha em seus olhos em buscar de um lugar que ainda está por vir. Não há exemplo melhor de mulher, mãe e professora do que você. Parabéns por tudo e meu humilde muito obrigado.

A nobre, encantadora e respeitada profa. Dra. Adryane Gorayeb que me recebeu e me orientou de braços abertos em seu programa e nunca duvidou do meu empenho, do meu esforço para desenvolver grandes projetos. Me ajudou nesse grande desafio, juntamente com os demais bolsistas do Laboratório de Geoprocessamento, e que

nunca mediu esforços para me ajudar. Obrigado por todas as vezes que foi acessível e caridosa com esse projeto.

Ao Labocart – Laboratório de Geoprocessamento pelo apoio técnico e institucional, ao Programa de Apoio a Núcleos Emergentes (PRONEM) número de processo: PNE.0112-00068.01.00/16, com nome de: Análise Socioambiental das Implantações de Parques Eólicos no Nordeste: Perspectivas para a sustentabilidade da geração de energia renovável no Brasil. Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e a Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP) que deram o apoio financeiro para que fosse possível a manutenção e finalização desse projeto.

Alessandro, Lincoln e a todos do Café Patriota que acreditam no meu trabalho e atingem as conquistas diariamente com a união de nossos esforços.

Aos professores participantes da banca examinadora pelo tempo, pelas valiosas colaborações e sugestões.

Aos entrevistados, pelo tempo concedido nas entrevistas e pelo registro histórico que fizeram em prol desse trabalho e da manutenção da cultura do seu povo.

Aos colegas da turma e de trabalho pelas reflexões, críticas e sugestões recebidas. Sucesso a todos!

“Eu só sinto, mas não sei o que sinto.

Quando sei, não compreendo.”

- Caio Fernando de Abreu

RESUMO

Carneiro (2003) diz que a alimentação é, após a respiração e a ingestão de água, a mais básica das necessidades humanas, e além de necessidade biológica, é um complexo sistema simbólico de significados sociais, sexuais, culturais, religiosos, étnicos, estéticos, políticos e etc. A pesquisa mostra a cultura do povo indígena ‘Mendonça’ do Amarelão (João Câmara – Rio Grande do Norte) no âmbito da caça de animais silvestres em suas terras e detalha que alguns animais de sua fauna fazem parte de sua dieta local. Foi usado a metodologia observacional e a metodologia histórica, buscando transcrever as falas dos próprios caçadores e seu pensamento enquanto atividade comum de sua comunidade. Essa pesquisa tem a concepção de pesquisa qualitativa que de acordo com Prodanov e Freitas (2013) considera-se uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, ou seja, não se pode traduzir a sua subjetividade em números. Por essa questão, temos que navegar nesse plano de histórias, documentos, estudos, entrevistas e relatos verbais, a fim de que esse material seja melhor registrado. A pesquisa conta com um roteiro prévio onde perguntas de maneiras flexíveis foram elaboradas para se dar ênfase as experiências dos próprios caçadores. Como resultado, vimos que há uma significância forte entre ‘terra’ e ‘território’; há a questão legal da caça, que hoje é proibida no país; são retratados vários tipos de armas, armadilhas e equipamentos utilizados para maior efetividade no abate dos animais e há a questão culinária na hora da preparação dos pratos, entre receitas, ingredientes e acompanhamentos para as carnes de caça. Com isso, leva-se a crer que a caça tem fundamental ligação com a gastronomia, pois é um rito, uma cultura que identifica um povo que sabe o que como e de onde vem a sua comida. Assim são formadas as tradições alimentares, porém, mesmo ainda sem se ter real noção dos impactos ambientais dessa prática, devemos sim considerar o que é necessidade e o que é violação ambiental.

Palavras-chave: Gastronomia. Caça. Índios. Cultura.

ABSTRACT

Carneiro (2003) says that food is, after respiration and water intake, the most basic of human needs, and besides biological necessity, it is a complex symbolic system of social, sexual, cultural, religious, ethnic, aesthetic meanings, politicians and so on. The research shows the culture of the indigenous people 'Mendonça' do Amarelão (João Câmara - Rio Grande do Norte) in the hunting of wild animals in their lands and details that some animals of their fauna are part of their local diet. Observational methodology and historical methodology were used, seeking to transcribe the words of the hunters themselves and their thinking as a common activity of their community. This research has the conception of qualitative research that according to Prodanov and Freitas (2013) considers a dynamic relationship between the real world and the subject, that is, one can not translate their subjectivity into numbers. For that matter, we have to navigate this plan of stories, documents, studies, interviews and verbal reports, so that this material is better recorded. The research relies on a prior script where questions in flexible ways have been developed to emphasize the experiences of the hunters themselves. As a result, we have seen that there is a strong significance between 'land' and 'territory'; there is the legal issue of hunting, which is now banned in the country; are portrayed various types of weapons, traps and equipment used for greater effectiveness in the slaughter of animals and there is the cooking issue at the time of preparation of dishes, between recipes, ingredients and accompaniments for game meat. With this, it is believed that hunting is fundamentally linked to gastronomy, because it is a rite, a culture that identifies a people who knows what they eat and where their food comes from. Thus food traditions are formed, but even without having a real notion of the environmental impacts of this practice, we must rather consider what is need and what is environmental violation.

Key words: Gastronomy. Hunting. Indian. Culture.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Peba de estimação posando para foto da ‘Tatuzeira’ ou Ratoeira	32
Figura 2 – Ex-caçador mostrando o ‘Forjo’ já inutilizado	33
Figura 3 – Jovem caçador mostrando a ‘baladeira’ usada na caça de pássaros	34
Figura 4 – Jovem caçador com sua baladeira dentro da mata	36
Figura 5 – Espingarda e seus acessórios no domicilio de um caçador	37
Figura 6 – Pá maior sem cabo (esq.) e Pá menor com cabo (dir.)	38
Figura 7 – ‘Foice’ usada para cortar o mato	39
Figura 8 – ‘Chadeco’ usado como ‘anzol’ para retirada do roedor de dentro do buraco ...	40
Figura 9 – Arcada dentária comprometida de um cachorro de caça	43
Figura 10 – ‘Perneiras’ usadas pelos caçadores para entrar na mata	44
Figura 11 – Mapa mostrando a distância entre Amarelão e João Câmara (RN).....	46
Figura 12 – Mapa da Comunidade de Amarelão (Rio Grande do Norte) feito com GPS...	46
Figura 13 – Armadilha usada na caça dos animais silvestres	47
Figura 14 – Coleção de rabos de tatu na casa de um caçador	48
Figura 15 – Rabo de tatu seco (quanto maior, mais velho era o animal).....	49
Figura 16 – Ex-caçador pousando para foto antes de entregar um presente	50
Figura 17 – Jovem caçador posando com seu cachorro de caça	54
Figura 18 – Tatu-peba de criação posando para foto	56
Figura 19 – Rolinhas e Arribaça recém abatidas com tiros de espingarda	58
Figura 20 – Pássaros sendo depenados a mão pelo próprio caçador	59
Figura 21 – Processo de retirada dos órgãos internos	60
Figura 22 – Momento de lavagem em água e vinagre das aves	61
Figura 23 – Produto sendo acondicionado em congelador doméstico	62
Figura 24 – Teju caminhando pela estrada do Amarelão	64

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Roteiro prévio de entrevista	21
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
NBR	Norma Brasileira Regulamentar
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
SIBI	Sistema Integrado de Bibliotecas
UFC	Universidade Federal do Ceará
trad.	Tradutor
ONU	Organização das Nações Unidas
Labocart	Laboratório de Geoprocessamento
UFC	Universidade Federal do Ceará
GT	Grupo de Trabalho
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
2	OBJETIVOS	20
3	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	21
3.1	Considerações sobre a prática da caça no mundo e no Brasil	21
3.2	Legislação sobre a caça no Brasil	23
3.3	A comunidade indígena em estudo: ‘Mendonca’ do Amarelão	25
4	METODOLOGIA	29
4.1	Tipologia da pesquisa	29
4.1.1	<i>Metodologia histórica</i>	30
4.1.2	<i>Metodologia Observacional</i>	30
4.2	Universo e amostra	31
4.3	Coleta de dados	32
5	RESULTADOS E DISCUSSÃO	34
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
	REFERÊNCIAS	70
	ANEXO A – DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO EM PARTICIPAÇÃO DE ENTREVISTA	74

1 INTRODUÇÃO

O conceito de identificação de um povo se rege e se guia bastante pela alimentação, pelos ingredientes, pelos produtos, pelo preparo, pelas técnicas, pelos instrumentos e utensílios trazendo, assim, características singulares, específicas de alguma região, dando um sentimento de pertencimento a um determinado lugar.

Define-se caçar como “ato de perseguir; seguir animais silvestres ou assilvestrados para fins alimentares, para entretenimento, defesa de bens, populações e atividades agrícolas; para os prender; matar animais silvestres”. (CAÇAR, 2017).

Carneiro (2003) diz que a alimentação é, após a respiração e a ingestão de água, a mais básica das necessidades humanas, e além de necessidade biológica, é um complexo sistema simbólico de significados sociais, sexuais, culturais, religiosos, étnicos, estéticos, políticos e etc.

Lima (2009, p. 107) diz que “Sendo a alimentação uma necessidade vital, comum a todos os homens, não é de se estranhar que ela tenha sido tantas vezes interpretada como algo *natural*”, ou seja, pensado bem a alimentação é regra quando se trata da vida humana ou de qualquer outro ser, logo, ela está presente desde o início da existência de qualquer espécie.

Na fala de Montanari (2008, p. 15) ele cita que “os valores de base do sistema alimentar não se definem em termos de ‘naturalidade’, mas como resultado e representação de processos culturais que preveem a domesticação, a transformação, a reinterpretção da natureza”, resumindo, diz-se que a comida é inteiramente ligada a cultura de um povo.

Lima, Neto e Farias (2015, p. 507) trazem que “muito além de uma atitude biológica, a alimentação assume também um comportamento cultural”, reforçando a fala que a alimentação vem como um tripé social em qualquer cultura mundial.

Tendo em vista isso, a temática da alimentação indígena sempre traz dúvidas e confusões no imaginário cotidiano e o presente trabalho pretende abordar os preconceitos inerentes ao tema, buscando esclarecer de maneira idônea a verdadeira prática da alimentação por meio da caça.

Os povos indígenas do Brasil provem de um histórico de luta centenário, de imposição de uma cultura nova, de domínio forçado de suas terras, de uso da sua mão de obra de maneira exploratória, usando-se de suas riquezas naturais para um ganho

comercial externo até hoje não mensurado. O povo que conhece seu território, que tem suas crenças e suas estratégias específicas para cada situação da vida ser forçado até os dias atuais a sua não aceitação étnica traz um legado de derrotas e duras vitórias.

Hoje, de acordo com Brand (1998), vemos alterações desde a constituição federal de 1988 no que se refere as normas legais que regem as relações dos povos indígenas e a sociedade. Pela primeira vez na história os povos indígenas tiveram reconhecido o direito de continuarem sendo o que são ou pretendiam ser, e sendo como dever do Estado não mais legislar sobre sua integração social, ou, sob a ótica dos índios, legislar sobre sua desintegração enquanto povos etnicamente diferenciados, mas o de proteger e garantir o direito à diferença.

No passado, os índios brasileiros possuíam uma diversidade alimentar fundamentada na agricultura itinerante, no extrativismo e na caça, como podemos ver em citação de (SUA PESQUISA, 2012, p. 02):

“Os indígenas que habitavam o Brasil em 1500 viviam da caça, da pesca e da agricultura de milho, amendoim, feijão, abóbora, batata-doce e principalmente mandioca. Esta agricultura era praticada de forma bem rudimentar, pois utilizavam a técnica da coivara (derrubada de mata e queimada para limpar o solo para o plantio). Os índios domesticavam animais de pequeno porte como, por exemplo, porco do mato e capivara. Não conheciam o cavalo, o boi e a galinha. Na Carta de Caminha é relatado que os índios se espantaram ao entrar em contato pela primeira vez com uma galinha”.

O que é fundamental ressaltar é que os índios se utilizam da natureza apenas retirando o que era necessário para a sobrevivência familiar e da comunidade, desde madeira e palhas, a barro para fazer cerâmicas. E no caso dos animais de caça, a situação atual deverá ser semelhante, caso contrário não estará legitimando toda uma cultura centenária de caça de subsistência para uma atual caça de deterioração da fauna e uma degradação ambiental.

Portanto, falar da caça no contexto dos índios contemporâneos do nordeste brasileiro, especialmente das aldeias presentes no Rio Grande do Norte, é contar a vida de muita gente, é mexer com sentimentos e emoções, é refletir sobre certo e errado sem deixar de lado o respeito pela cultura e pelo povo. É saber de onde vem seu alimento, é saber que se tem nas mãos o poder de relembrar momentos dos seus antepassados naquela aventura, é se doar de sangue e alma para capturar um alimento que se admira como uma iguaria.

Porém, de acordo com Alves e Ferreira (2014, p. 1) “Atualmente a caça é uma atividade ilegal no Brasil e que promove elevado impacto ambiental sobre as populações de animais silvestres de todo o país”. Entretanto, de acordo ainda com Alves *et al.* (2014, *apud* ALVES *et al.* 2009 2012, HANAZAKI *et al.* 2009, PERES 2000, FERNANDES-FERREIRA 2012 *in press*) “a caça tem grande importância como fonte alimentar, comercial e medicinal para as populações da área rural e até mesmo urbanas”.

De acordo com Batista *et al.* (2014), conta-se que no decorrer do século XIX, ocorreu o agravamento da tomada de terras indígenas e nesse mesmo período acontece a migração de índios para outros lugares do Rio Grande do Norte em busca de novas terras. Desses imigrantes, veio um casal do brejo da Paraíba e outro do São Gonçalo que fugiu e se fixou na região onde hoje é o Amarelão.

Atualmente, o Amarelão é uma das cinco comunidades indígenas do Rio Grande do Norte, reconhecida pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI) enquanto área que reivindica demarcação de terra, que é a primeira etapa *formal* do processo de regularização de terras indígenas.¹ Isso ocorre porque o Grupo de Trabalho (GT) do Amarelão ainda está sendo constituído e, por isso, ainda não está no processo real de demarcação de terras pela FUNAI. Do ponto de vista legal, o decreto n. 1.775, de 8 de janeiro de 1996 traz o trâmite de regulamentação e consta as etapas a serem seguidas para a demarcação de terras indígenas.

Para a FUNAI, deve-se seguir todas as etapas iniciais legais e, de forma adicional, constituir um GT que é responsável pela identificação e delimitação das terras indígenas em nível local. Até o momento, conforme informações da FUNAI, somente uma aldeia no estado do Rio Grande do Norte possui GT constituído, trata-se da aldeia de Sagi/Trabanda, no município de Baía Formosa que está em fase de estudo na modalidade de “tradicionalmente ocupada”.

No entanto, na obra de (SANTOS, Raquel, 2013, p. 97), encontramos que Câmara Cascudo faz referências a presença dos Mendonça definidos como “mestiços de Tupi, fugidos de aldeamentos que haviam se tornado vilas”.

Nos dias de hoje sabemos que para a população urbana a caça ou a pesca não é mais uma necessidade real e sim um lazer ou hobby. Porém, há ainda em alguns países

¹ Informação concedida em entrevista com representante local a Santos (2015).

o hábito da alimentação de animais selvagens como as famosas carnes de caça amplamente difundidas no âmbito da gastronomia mundial, principalmente na Europa. Com isso, ao traçar um paralelo com a realidade indígena, iremos encontrar animais caçados constantemente, mesmo que alguns moradores tenham animais domesticados para o consumo, como: vacas e galinhas.

Porém, eles construíram uma cultura alimentar que se baseia também em animais não domesticados. Por essa questão, temos que navegar nesse plano de histórias, documentos, estudos, entrevistas e relatos verbais, a fim de que esse material seja melhor registrado, de maneira coerente e que os futuros e atuais integrantes da comunidade possam desfrutar do sentimento da lembrança e da conquista de uma luta constante de afirmação comunitária, requisito fundamental quando se pensa na caracterização dos povos indígenas, reforçando seus valores culturais e suas crenças naquilo que rege a alimentação e os alimentos, em meio às condições de vida atuais.

O estudo tem como bases publicações de estudos realizados nas áreas de educação, antropologia, saúde e sociologia: Batista (2014), no tema educação indígena, Cabral (2010) com a descrição social da população e problemas de saúde na queima da castanha, Guerra (2007) em sua contribuição na temática da identidade social, Santos (2013) na área da Antropologia e Arqueologia, Santos (2014) falando da história dos índios no Rio Grande do Norte.

2 OBJETIVOS

Como objetivo o trabalho traz uma discussão sobre hábitos, tradições e cultura alimentar de um povo que ainda hoje cultiva um hábito milenar humano, o da caça. Assim, pretendemos analisar como a alimentação hoje ainda se reflete com a alimentação do passado na Aldeia do Amarelão. Nesse sentido, podemos relacionar os seguintes objetivos específicos da pesquisa:

1) Quais hábitos ainda vemos, quais hábitos deixaram de existir no que se refere a alimentação local no Amarelão;

2) A caça é um ato cultural histórico ou apenas um lazer dos caçadores;

3) Quais as técnicas de manejo, preparo e cocção da carne de caça na comunidade.

Com essas informações em mente buscamos viabilizar por meio deste trabalho as principais respostas para cada pergunta superior. O que devemos desde já entender é que os objetivos são um guia para que se tenha algo sólido no momento de analisar os dados conclusivos e conferir se cada ponto foi inteiramente atingido com eficiência e qualidade.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Terra ou território? De acordo com Hermes *et al.* (2013), os conceitos se resumem assim: terra: aquilo que é indispensável, pois sem ela não há o território, sendo uma parcela do território. A terra tem valores de vida, sendo superior a propriedade intelectual. Já o território: é a parte historicamente mais ampla, de conhecimento geral, foram as grandes perdas de parcelas dos territórios indígenas de todos os grupos, que hoje são tão debatidas e reivindicadas pelos mesmos. Pode-se assim, dizer que território é onde se planta, se criam animais, constrói casas. O “lugar onde podem ser quem são”.

Com isso, avaliamos: dentro de seu território, na sua própria terra de origem e de vivência cotidiana, a caça deve-lhes ser embargada ou permitida?

3.1 Considerações sobre a caça no mundo e no Brasil

Na Suécia, nos estudos de Silveira (2017), a caça antigamente era uma atividade necessária para a sobrevivência e hoje é um esporte praticado em todo o país. E para alguns, não é apenas um esporte e sim um estilo de vida, sendo assim, a experiência é mais importante que a caça em si. Com isso criam-se normas, leis e controle sobre as caças, incluindo as temporadas, sendo o alce um bom exemplo, pois é caçado de outubro a fevereiro e o abate chega a 100 mil por ano.

Na fala de Obrazkova (2014) o hábito de caça na Rússia não é apenas entretenimento, mas uma tradição familiar e um elemento importante do seu estilo de vida. Assim como em Amarelão, na Rússia o pai leva o filho a caça logo com 12 anos de idade pois assim ele prepara o filho para tomar de conta da família e conseguirá desta forma trazer o alimento para dentro de casa.

Porém, há alguns anos atrás a Rússia aprovou uma lei de preservação dos recursos de caça que tornou ainda mais difícil adquirir uma licença, semelhante a oferecida no Brasil pelo órgão do IBAMA. No mesmo artigo vejo diversas semelhanças na cultura dos caçadores russos com os caçadores do Amarelão, entre elas, posso citar: a cultura de pai pra filho; as caças aos finais de semana; o número de participantes, no caso a ida em equipe com cerca de 8 a 10 pessoas; a amizade ou proximidade com os outros caçadores já que na fala do próprio caçador no texto de Obrazlova (2014) ele conta “é

importante confiar nas pessoas que vão estar com uma arma na mão junto com você em um lugar selvagem”; o conhecimento da terra e o interesse em ir com algum caçador mais antigo que tire qualquer dúvida naquela hora.

Já no continente africano temos que, de acordo com material publicada em El País em por Ayuso (2015), temos que quatro países dos 54 permitem a caça por troféus (aquelas caças que garantem ao caçador levar a cabeça do animal, chifres, ou presas por exemplo), sendo eles África do Sul, Zimbabué, Namíbia e Tanzânia, que forma uma indústria que movimenta 500 milhões de dólares por ano.

Em julho de 2015 a Organização das Nações Unidas (ONU) aprovou por unanimidade a primeira resolução da sua história, de acordo com matéria da Deutsche Welle (DW) de (2015), sobre caça furtiva e tráfico de animais selvagens. A resolução tem como objetivo “dar passos decisivos ao nível nacional para prevenir, combater e erradicar o comercio ilegal de animais selvagens, tanto do lado da oferta quanto da procura”.

Alex Atala (2008, p. 63) fala que “na cozinha asiática, na cozinha clássica europeia e em todas as suas variantes, as caças sempre foram um momento de muita atenção – e excitação – do profissional da cozinha”, levando-nos a crer da importância não só alimentar, mas de trato, técnicas, cocção e harmonização desses pratos. Ele ainda complementa em Atala (2008, p. 64) “muitas vezes, quando um restaurante está servindo carne de caça, também está ajudando a preservar aquela espécie e muitas outras”, refletindo sobre a caça consciente e sustentável ao redor do mundo.

Temos que em Verdade e Seixas (2013, p. 22 apud Johannes, 2002, Berkes 2009) a caça de subsistência é uma atividade que se pratica em todas as regiões do país, mas não exclusivamente por populações indígenas e as chamadas populações tradicionais. O uso da fauna silvestre de maneira sustentável ocorre há diversas gerações, por regras de uso e de acesso aos recursos com base no conhecimento ecológico popular.

Vemos no texto de Muniz (2010) que após longos estudos nos conta em sua pesquisa que:

Em geral, os índios têm uma alimentação variada e equilibrada. A carne – seja de peixe ou de caça – é a sua principal fonte de proteínas. Os indígenas do Alto Rio Negro, por exemplo, costumam caçar a paca, a capivara e o caititu – animal conhecido também como porco-do-mato –, além de macacos e aves como o mutum. Já os xavantes, que vivem no centro-oeste brasileiro, em pleno cerrado, apreciam bastante a ema e outros animais desse bioma.

Encontra-se em Pianca (2004, p. 20 apud Jerozolimski, 1998) que analisou 54 trabalhos sobre a caça de subsistência desenvolvidos em nove países com florestas tropicais da América do Sul, verificou-se que a caça de subsistência afetava claramente a população de grandes mamíferos e que como resultado do aumento da pressão de caça o número de espécies utilizadas na alimentação também aumenta.

3.2 Legislação sobre a caça no Brasil

Em 1967 foi criado o Código de Proteção à Fauna de acordo com (Alves e Ferreira, 2014) que completam que o direito à propriedade dos animais silvestres passa a ser do Estado e não mais do caçador. E em Alves *et al.* (2014, apud NOGUEIRA, 2006), foi proibida a caça profissional e algumas condutas foram elevadas a categoria de crime, com a pena de reclusão de dois a cinco anos.

No entanto foi criada a Lei Federal nº 9605/98 (Lei de Crimes Ambientais), válida até hoje que de acordo com o Art. 29 fala “estará sujeito a detenção de seis meses a dois anos e multa aquele que matar, perseguir, apanhar ou utilizar espécies de fauna silvestre, nativos ou em rotas migratórias, sem permissão das autoridades competentes” (BRASIL, 1998).

[...] Podem sofrer as mesmas penalidades aquele que comercializa, expõe a venda, adquire, exporta, guarda em cativeiro ou transporta. A pena pode ser acrescida em até 50% se as espécies envolvidas estiverem em lista de extinção. Pelo Art. 32 dessa mesma lei, abusos, maus tratos e injúrias contra animais, silvestres ou domésticos, nativos ou exóticos, justificam a detenção de três meses a um ano e multa. (BRASIL, 1998).

Porém, o artigo 37 da mesma lei ressalva que não é considerado crime quando: 1) em estado de necessidade, para saciar a fome do agente ou de sua família. (BRASIL, 1998).

Com isso, ao trazer essa análise para a comunidade do Amarelão, percebe-se que não existe número significativo de bibliografias sobre a temática da alimentação em documentos escritos, mesmo sabendo-se que muito da cultura brasileira têm a sua formação através dos alimentos consumidos pelos índios e que fazem parte importante da vida de todos habitantes de qualquer lugar.

O fato de ser importante dar destaque às culturas indígenas do Nordeste é fundamental, pois mostra de fato que eles estão lá e que formam parte da nossa história.

Além disso, pelo fato de não ter referências sobre o tema da alimentação dos potiguaras do Amarelão, será importante esse levantamento, pois servirá de documento para a luta na questão da demarcação de terras e das reservas.

No Brasil, Seixas (2013, p. 22) diz que:

A caça foi atividade legal e regulamentada no Brasil entre 1934 e 1967 [Código de Caça e Pesca (1934); Código de Caça (1943)]. A partir de 1967, a Lei de Proteção à Fauna (Lei 5.197), proibiu a caça com finalidade profissional, regulamentou a caça esportiva, mas não considerou a caça de subsistência. As infrações a esta Lei eram consideradas contravenções penais, delitos mais brandos, puníveis com multa e prisão de até um ano para os réus primários. Em 1988, a caça tornou-se crime inafiançável com a Lei Federal de nº 7635/88. Somente 10 anos depois, a Lei de Crimes Ambientais (Lei 9.605/1988) descriminalizou o abate de animais silvestres para saciar a fome do agente ou de sua família, legalizando assim a caça de subsistência. Entretanto, ela não estabeleceu mecanismos de controle para essa atividade.

De acordo com a Convenção nº 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT) de 7 de junho de 1989, em sua septuagésima sexta sessão, declara no Artigo 23, parágrafo 1 que atividades relacionadas com a economia de subsistência dos povos interessados, comunidades tribais e indígenas, tais como *a caça*, a pesca com armadilhas e a colheita, deverão ser reconhecidas como fatores importantes da manutenção da cultura, da sua autossuficiência e seu desenvolvimento econômico.

É vedada, nas terras indígenas, a qualquer pessoa estranha aos grupos tribais ou comunidades indígenas, a prática da caça, pesca ou coleta de frutos, assim como atividade agropecuária ou extrativa (art. 231, § 2º, Constituição Federal, c/c art. 18, § 1º, Lei nº 6.001/1973). De acordo com um líder da comunidade (entrevistado 01) ele diz “a caça do ponto de vista alimentar é sim um direito do índio”.

De acordo com o Censo realizado na comunidade, com dados das próprias lideranças, tínhamos em 2015 exatamente 576 famílias nas três comunidades (Santa Terezinha, Serrote de São Bento e Amarelão), contabilizando 2.040 pessoas. Com cerca de 60% sendo moradores do Amarelão. Apesar de diversas famílias terem o seu próprio roçado (quintal produtivo), algumas não tem e comercializam entre si algumas mercadorias.

“Hoje é arriscado, a lei não quer que a pessoa mate, o fazendeiro também não, se o animal vier mata, se for na propriedade alheia da problemas. No mundo ninguém é dono de nada. Um dia é meu, outro não, o mundo é pra gente, pra nos todo. E tudo um

tanto”, conta o entrevistado 08 a respeito do medo de se caçar devido as duras legislações e punições aplicadas a quem é pego caçando.

3.3 A comunidade indígena em estudo: ‘Mendonca’ do Amarelão

De acordo com Cabral (2010, p. 45) “a comunidade do Amarelão apresenta peculiaridades históricas e sociais. Os estados do Rio Grande do Norte e do Piauí são os únicos no Nordeste brasileiro que não há o reconhecimento oficial de grupos indígenas”.

Em Bezerra (2017) temos que “não estamos mais diante de populações que provem o seu sustento exclusivamente da caça, do extrativismo e do plantio de roças coletivas”. Isso quer dizer que a contemporaneidade chegou para essas pessoas, mas algumas práticas permeiam há dezenas de anos, mesmo que em um volume e frequência bem menor.

Assim, também em Bezerra (2017) ele explica que apenas em 2005 os Mendonças do Amarelão (João Câmara), os Catus dos Eleotérios e os Caboclos do Riacho (Assú) tiveram uma audiência pública realizada na Assembleia Legislativa de Natal, para assumir sua luta na identidade étnica como representante da nação Potiguara. Em Freedman (2009, p. 43) ele diz que “a caça fornece basicamente proteína, acompanhada de gordura animal”, ou seja, dieteticamente falando o animal tem nutrientes extremamente necessários para o equilíbrio correto do funcionamento biológico do corpo humano, sendo assim, coerente sua introdução na alimentação cotidiana local.

Ainda na fala de Freedman (2009) ele cita que relatos etnográficos de caçadores ao redor do mundo sugerem que o mais importante é a gordura do animal e não exatamente a quantidade de carne que ele pode prover. E completa: “se o animal for magro, pode até ser abandonado”. Assim, de fato é na comunidade do Amarelão servindo de exemplo concreto a essa teoria.

Em entrevista de reconhecimento de território realizada em Outubro de 2017 na comunidade estudada, ² foi possível estabelecer em entrevista com uma das lideranças da comunidade, a participação do menino nas práticas de caça. O mesmo conta que é usualmente exigido a presença do filho nas caçadas para que o torne apto a conseguir o seu próprio alimento, para que aprenda as técnicas de abate e pós-abate dos animais e

². Entrevista concedida em 2017 ao pesquisador.

para que quando cresça tenha as habilidades suficientes para se destacar nessa atividade.

O filho, porém, não pode mexer com alguns tipos de armamento e nem tem ciência para combater todos os tipos de animais. Em contato inicial, Ismael Sousa conta que o jovem começa a sua vida de caçador com uma arma simples chamada de ‘baladeira’ ou ‘estilingue’, e que só lhe é permitido a busca de aves pequenas, para que se conheça a ambiência local e as ferramentas gradativamente.

No “mato”, vivem, ainda, os espíritos que protegem as caças, maltratam os cachorros, assobiam nos ouvidos dos caçadores, trançam os cabelos dos cavalos, jogam pedras, etc. são eles: comadre Fulozinha, Caipora e Saci, que entram numa dança infernal com as Mães d’Água, as antas esfoladas, as onças que dão pulos extraordinários, os carneiros de ouro voadores, as almas dos mortos sem sepultura, os santos padroeiros encontrados nas lagoas, etc. essa profusão de entidades sobrenaturais lembra constantemente aos homens os perigos das zonas desertas, das matas e das serras. (CAVIGNAC, 2007, p.3).

Em Guerra (2006, p. 161), pode-se vislumbrar bela descrição que em depoimento de Francisco da Silva, diz que “Meu pai falava que Dona Fulozinha dava nos cachorros com cordas de cipó. Ela protege os animais. Certo dia, numa caça, meu pai viu uns cachorros latindo e olhando pra cima nada havia ali para que eles ficassem daquele jeito. Era a Dona Fulozinha que estava por perto. Tem que colocar o fumo pra ela [oferenda], porque senão ela não deixa caçar nada”.

Outro relato ainda a respeito da Fulozinha vem do ex-caçador da comunidade, ele diz: “O meu pai falava muito disso. Ele dizia que ela assobiava para dar uma pisa nos cachorros, ele quem contava. Mas eu nunca vi isso não, se existe é invisível, nunca vi um feixe de alma. Eles falavam, os caçadores mais velhos, meu avô, que iam caçar, no mais perigoso que era na quinta e na sexta, e aí a Fulozinha dava um aperto nos cachorros que corriam para os pés dos donos e não queriam caçar mais”, relatou.

Outro caçador acrescentou mais um relato sobre a lenda urbana da comunidade, ele contou: “Tem um ritual, Dona Fulozinha. Tem um remédio que faz pra ela, pra quem tem devoção com ela, são muitos caçadores quem tem devoção com ela. Você pega uma carne fresca e um fumo e bota pra ela num canto na cabeça de um pau. Se não fizer toda vez que for, faz só sofrer com ela. Eu já ouvi duas vezes o assobio longo, fino, que dói nos ouvidos. Eu nunca vi não.”, finaliza o caçador 07.

Carneiro (2011) fala que o cachorro foi o primeiro animal domesticado, contemporâneo da revolução neolítica, e serviu principalmente como auxiliar da caça e do pastoreio. Na fala de Hermes *et. al* (2013, pg. 01) ele eleva que “sabemos que os povos

indígenas cada vez mais são objeto de preconceito por parte das pessoas, que não compreendem a real necessidade de se cultivar as raízes e a cultura”.

Essa fala de um morador local relata bem o que iremos encontrar nos termos da caça da comunidade estudada. A uma crença em cima da necessidade de agradar a entidade que ‘toma conta’ da mata para que ela possa ‘liberar’ a caça para os Mendonça. Nesse caso, introduz-se dizer se essa lenda realmente ainda vigora? É necessário que todos os moradores que caçam fazer isso? O que é esse fumo? Essas são algumas questões que serão abordadas para se entender a cultura da caça desse povo.

Verdade e Seixas (2013, p.23) falam exatamente que “ademais, a restrição da atividade de caça pela legislação tem levado ao abandono de práticas locais de uso e manejo da fauna silvestre por populações tradicionais, resultando na ruptura de transmissão desse conhecimento ecológico local para as novas gerações”.

Foram identificados inúmeros caçadores na região sendo assim imprecisa a quantidade correta de homens, mulheres e crianças que praticam o ato da caça na comunidade. Ainda do mesmo modo a idade sempre variou intensamente, sendo jovens a partir de 13 anos até homens com quase 70 anos de idade ainda tinham a vida de caçador ativa ou tinham parado há pouco tempo, cerca de dois anos passados, citando um exemplo.

“Um cachorro correndo atrás de um tatu, passou assim bem pertinho de mim, achei bonito.”, esse é um relato de um dos caçadores entrevistados em que momento ele se apaixonou pela caça e desde esse dia ele viu que era aquilo que ele gostava de fazer e que se identificava com a prática.

Em nossas visitas encontramos os principais utensílios utilizados na caça, dentre eles, temos alguns que obtivemos registro pois eram os mais utilizados: as pás; foice (ferro); tatuzeira ou (ratoeira); chadeco; baladeira, espingarda; lanterna; perneira e o forjo.

Um entrevistado comenta quando perguntado como é o procedimento do ritual da caça: “Caço com cachorro, tem bem nove amarrado, eu levo quatro quando vou caçar. Ai tem uns amigos primos que também cria.” O habito mais comum da caça é cada caçador ter seus cachorros para entrar na mata, tendo o animal, função fundamental para conseguir capturar as caças.

E a frequência ou dias da semana que eles costumeiramente vão ao mato, ele responde: “A gente vai duas vezes por semana, sempre de quinta a domingo.”, fala o

entrevistado 02.

De todos os oito entrevistados, apenas um não havia caçado no dia anterior (quinta para sexta-feira), os demais haviam caçado na noite anterior e como de hábito voltando apenas ao amanhecer. E um deles ainda complementa “Fui essa noite e já vou hoje de novo.”, entrevistado 04.

4 METODOLOGIA

Esta seção busca detalhar a metodologia utilizada na pesquisa. Será apresentada a tipologia da pesquisa usada para atingir os objetivos, assim como uma explanação sobre os procedimentos utilizados na coleta dos dados.

4.1 Tipologia da Pesquisa

Essa pesquisa tem a concepção de pesquisa qualitativa que de acordo com Prodanov e Freitas (2013) considera-se uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, ou seja, não se pode traduzir a sua subjetividade em números. Essa não traz métodos e técnicas estatísticas, pois o ambiente natural é a própria fonte de coleta de dados da pesquisa.

Assim, como Prodanov e Freitas (2013) exhibe, essa torna-se uma pesquisa descritiva, pois tende-se a analisar os dados indutivamente, o processo e seu significado são os principais focos de toda a abordagem.

Na abordagem qualitativa, a pesquisa tem o ambiente como fonte direta de dados coletados. O pesquisador mantém contato direto com o ambiente e o objeto de estudo em questão, necessitando de um trabalho mais intensivo de campo. Nesse caso, as questões são estudadas no ambiente em que elas se apresentam sem qualquer manipulação intencional do pesquisador. A utilização desse tipo de abordagem difere da abordagem quantitativa pelo fato de não utilizar dados estatísticos como o centro do processo de análise de um problema, não tendo, portanto, a prioridade de numerar ou medir unidades. Os dados coletados nessas pesquisas são descritivos, retratando o maior número possível de elementos existentes na realidade estudada. (PRODANOV e FREITAS, 2010, p. 70).

Porém, Gil (2008) mostra que também se adentra no nível de pesquisa explicativa, pois tem como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência do fenômeno estudado. Assim, aprofunda o conhecimento da realidade, explicando a razão e o porquê das coisas. Assim, ele considera como o mais complexo e delicado.

4.1.1 Metodologia histórica

De acordo com Freitas e Prodanov (2013) consiste em que é fundamental estudar as raízes visando compreender a natureza atual. Em Freitas (2013, apud. LAKATOS E MARCONI, 2007, p. 107), “as instituições alcançaram sua forma atual através de alterações de suas partes componentes, ao longo do tempo, influenciadas pelo contexto cultural particular de cada época”.

4.1.2 Método observacional

Ainda nas palavras de Freitas e Prodanov (2013) esse método é um dos mais utilizados nas ciências sócias e apresenta alguns aspectos interessantes. Em Freitas (2013, apud. GIL, 2008, p. 16) temos que “por um lado pode ser considerado como o mais primitivo e, conseqüentemente, o mais impreciso. Mas, por outro lado, pode ser tido como um dos mais modernos, visto ser o que possibilita o mais elevado grau de precisão nas ciências sociais”.

Assim como em Pianca (2004) as entrevistas foram realizada na própria residência dos entrevistados e todos demonstraram bastante interesse em participar do projeto. Foi debatido sempre pontos estratégicos nas entrevista como: a técnica que se era utilizada, a preferência alimentar e a não preferência, os locais onde aconteciam a caça e se há uma diminuição nas espécies caçadas.

Tal atitude foi um marco na desconstrução da tese de legitimada pelo pesquisador Câmara Cascudo sobre a inexistência dos indígenas no estado desde o século XIX.

Assim, justifico a ideia principal dessa pesquisa como uma obra etnográfica com interesse em ajudar a fortalecer os saberes de um povo e de sua cultura, fazendo também um registro antropológico para que se marque na história suas práticas culturais cotidianas, focando na atividade da caça.

Com isso, podemos delimitar a pesquisa como sendo descritiva, pois, nas palavras de Freitas e Prodanov (2013, p. 52) trata-se de quando o pesquisador apenas registra e descreve os fatos observados sem interferir neles. Visando descrever as características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. Assim, podemos dizer que como material irá ser usado apenas uma

caderneta, uma caneta e um gravador de áudio para as anotações no momento e posteriores.

Será efetuada uma pesquisa qualitativa com base em entrevistas e observação de campo. Tendo como definição “considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objeto e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzida em números” (FREITAS; PANDANOV, 2013, p. 70).

O trabalho contou com uma visita inicial de reconhecimento em outubro de 2017 que durou três dias e teve outra definitiva para último levantamento de dados em abril de 2018 com duração também de três dias.

4.2 Universo e Amostra

A coleta de dados não seguiu nenhum manual ou roteiro específico, não havia um questionário pré-preparado para se trabalhar diante desse projeto, pois o que se via como necessário era seguir uma linha tênue entre a confiança do caçador em falar dos seus costumes e práticas com a qualidade dos dados coletados, por isso, algumas perguntas se repetiam, porém o andar da entrevista não tinha esse planejamento adequado para dar maior intimidade e menos formalidade ao processo.

Foram entrevistados 8 caçadores com idades de 14 a 78 anos. Os entrevistados foram contactados anteriormente por uma das lideranças da comunidade, o mesmo acompanhou todos os passos da pesquisa em campo. A entrevista foi efetuada ainda de acordo com a disponibilidade dos entrevistados, sendo mais de uma vez impossibilidade devido a ocupação dos mesmos.

Como critério, levou-se em consideração o hábito frequente de caça, pois o entrevistado teria que responder algumas perguntas mais específicas e caçadores não frequentem ou muito pouco frequentes não entraram nesse universo. Assim, de acordo com GIL (2008) a pesquisa tem como método o levantamento de campo (*survey*), cuja se caracteriza pela interrogação direta das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer.

Os instrumentos utilizados para o registro foram celulares, cadernetas e câmeras fotográficas, assim, podíamos fazer a parte auditiva com qualidade, permitindo de maneira correta traduzir apenas e não mais do que foi dito na hora das entrevistas. As

cadernetas serviam para que se fizesse anotações de observância naturais, ou seja, ao longo das caminhadas e das locomoções haviam sempre alguns pontos que chamavam a atenção na pesquisa, sendo assim, o registro escrito foi imprescindível para a realização desse trabalho. E no registro fotográfico podemos trazer para perto a percepção do local de maneira visual fica mais fácil o entendimento de tudo que se foi estudado.

4.3 Coleta de Dados

Na fala de Verdade e Seixas (2013), no seu resumo contam que informações sobre a caça no Brasil dificilmente são levantadas em função da falta de um mecanismo de confidencialidade e sigilo profissional que assegurem o pesquisador aos princípios do direito. Ou seja, é possível até ser considerado cumplicidade criminosa o registro de tais fatos, não fazendo jus a maneira filosófica, técnica e ética de uma pesquisa.

Assim, o que foi levado em consideração na pesquisa foram os instrumentos que se utilizam com constância para o abate efetivo do animal. Aqui se incluirá armadilhas forjadas, armas artesanais e automáticas. A descrição fora feita com base no que foi dito e visto na pesquisa. A pesquisa foi conduzida pelo pesquisador e aconteceram de maneira individual, sem interrupções e sem roteiro prévio semiestruturado. Ou seja, tinha-se um guia básico, porém, não considerado um roteiro propriamente dito, deu-se mais atenção à conversação em busca de não tornar o momento tenso devido a delicadeza da temática.

Todos os entrevistados foram visitados em casa e convidados a participarem do estudo de maneira voluntária e espontânea, de forma que o áudio gravado no local serve como documento de prova da ciência dos entrevistados quanto a coleta, gravação e reprodução posterior dos dados coletados naquelas visitas apenas para fins acadêmicos. Para a identificação dos caçadores foi feito um levantamento junto a uma das lideranças da comunidade que prontamente reconheceu os mesmos e fizemos uma lista, não muito longa, dos ‘parentes’ que iríamos visitas nos dias de pesquisa em campo. As entrevistas físicas ocorrem nas datas de 6 a 8 de abril de 2018.

Tabela 1 – Roteiro prévio de entrevista

<p>Parte única</p> <ol style="list-style-type: none">1. Nome, idade e se nasceu na comunidade?2. Quando você começou a caçar?3. O que significa a caça pra você?4. A caça destrói a Natureza?5. Quantas vezes pratica a caça por semana?6. Qual a sua primeira lembrança da caça?7. Já se envolveu em algum acidente na caça?8. O que sua família pensa do seu hábito de caçar?

Fonte: Elaborado pelo autor.

Dados importantes apresentados aos entrevistados antes do começo da entrevista:

1. Toda a entrevista será gravada por meio de um aparelho telefônico.
2. Não haverá em hipótese alguma a identificação no trabalho de nenhum dos entrevistados.
3. O entrevistado poderá discordar, interromper, concordar ou emitir qualquer opinião em qualquer momento da entrevista afim de expor a sua opinião.

Desta maneira houveram diversas outras perguntas que não estavam dentro do cronograma pré-elaborado, pois devido as informações novas, questões e duvidas foram aparecendo. Outros colaboradores da pesquisa que estavam em campo também por motivos de curiosidade elaboravam perguntas na hora que achavam importantes e que contribuiu imensamente para os resultados desse projeto.

5 RESULTADO E DISCUSSÃO

Figura 01 – Peba de estimação posando para foto da ‘Tatuzeira’ ou Ratoeira



Fotografia: Leandro Restrepo (2018)

Os animais conseguem sim ser bem identificados pelos caçadores, um exemplo é o peba fêmea, quando é ‘acuado’ ou preso em alguma armadilha, os caçadores conseguem identificar quando a mesma está fêmea, eles conferem logo o abdômen e os seios, e rapidamente as devolvem para a mata. Ou seja, tem sim o foco maior na caça do macho adulto e não das categorias mais fragilizadas ou que causem danos graves a fauna local. Do mesmo fato, se for um macho jovem, tem-se a opção de levar para criação doméstica e esperar o período certo do abate ou devolve-se a natureza, jamais se utilizam de animais ‘fora do padrão’ pois na fala do Entrevistado 02 “é reconhecido o porte do animal antes do abate”.

Cada item tem uma finalidade em especial. A *tatuzeira* ou *ratoeira*, figura 01: serve como uma prisão temporária para o préa ou outro que entre dentro da armadilha e não sofra nenhum dano físico sem antes a chegada do caçador ver que o animal está com as características adequadas para o abate. Ou seja, é um método menos violento de caçar o animal. Normalmente é utilizado nas ‘varedas’, definido por um caçador como o

“caminho pelo qual passa o animal e deixa marcas como areia, fezes...”, conta o entrevistado 02.

Quando questionado se seu hábito da caça fazia mal a Natureza e se realmente ele respeitavam os animais, o entrevistado 05 responde: “Faz porque a gente tira do mato, da natureza, mas depois aparece de volta, dão cria. Um tempo desse tinha uma fêmea e a gente solta.”. Mesmo ele crendo que faça um certo mal a Natureza, ele acredita que a procriação não vai deixar de existir, e isso é uma consciência ambiental da cultura do Amarelão.

Forjo, figura 02: equipamento artesanal feito pelos indígenas para captura do animal sem causar danos físicos a ele. É cavado um buraco em um local específico, tendo visto que já faz parte do trajeto do animal devido as ‘varedas’, e logo é colocado o equipamento em cima e nas laterais se colocam materiais pesados como pedras para que não se abram com a força do bicho. O animal ao caminhar pela armadilha é jogado para dentro do buraco, dessa forma o equipamento não permite a saída de dentro pra fora e apenas o caçador consegue remover a caça.

Figura 02 – Ex-caçador mostrando o ‘Forjo’ já inutilizado



Fotografia: Leandro Restrepo (2018)

De acordo com um entrevistado ele afirma com firmeza e clareza que “todos os animais se mantêm e que não se teve diminuição, apenas no período de secas mesmo”, fala do entrevistado 02. E ainda assim, de acordo com o mesmo entrevistado percebe-se a consciência ambiental da comunidade, o mesmo diz: “a vegetação preservada aumenta a fauna” entrevistado 02. Dessa maneira, vemos com clareza que a cultura da caça é algo que se tem importância ambiental muito forte. “Inclusive desde 2009 o veado do mato tem aparecido cada vez mais”, entrevistado 02.

“A gente caça pra comer. Eu não vendo não, só pra consumo. Nos compra na cidade a carne da cidade, porque é difícil pegar bicho. É caçador demais.”, relata o entrevistado 03. É nesse contexto que a caça torna-se cultural e de subsistência, pois o caçador não busca fins lucrativos e sim uma soberania alimentar.

Figura 03 – Jovem caçador mostrando a ‘baladeira’ usada na caça de pássaros



Fotografia: Leandro Restrepo (2018)

A iniciação da criança na caça se dá desde a pré-adolescência. No momento em que o menino consegue fazer a sua própria baladeira (estilingue) ele já está começando a se preparar para uma caça mais avançada. Quase unanimemente, os entrevistados

disseram que começaram a caçar entre 12 e 14 anos de idade. “[...] ia caçar com meu pai, mais meus irmãos e até hoje parei ainda não”, conta o entrevistado 04.

Culturalmente, devido a certa ‘agressividade’ e perigo de caçar na mata fechada, seca, os mais jovens começam apenas caçando os pássaros e sem adentrar muito nas áreas de caça mais expressiva. Como o jovem costuma ir só a caça desses voadores, ele sempre vai cedo e volta cedo, mas comumente volta com comida pra casa.

O jovem entrevistado mostra que com a prática é possível melhorar a pontaria, conhecer melhor a direção do vento para que se tenha melhor resultado na hora de atingir o bicho e saber os locais onde sempre encontram-se os mesmos. Hoje, com alguns anos de prática os jovens já conhecem os locais exatos onde encontrarão as pequenas aves que eles tanto apreciam. Sabem a melhor maneira de arremessar, a melhor pedra, a melhor madeira para fazer seu equipamento.

O entrevistado 06 conta também um pouco de sua experiência no começo da caça e o que aprendeu a fazer foi tudo com ensinamentos direto do seu pai. Ele conta: “Eu só acompanhava meu pai (quando criança), focando na boca do buraco, só aprendendo. Eu nunca ia caçar sozinho não, mas já tá com cinco anos que não vou mais com o meu pai.”, finaliza o jovem de 25 anos.

Outro caçador, entrevistado 03 relata “Eu comecei a caçar com 9 anos de idade; comecei mais o meu pai quando eu era mais pequeno, compramos o cachorro pegamos um pebas, uns tatus, umas tacacas”, finaliza a fala com muita animação.

Já outro entrevistado, um caçador mais experiente faz um relato ainda mais detalhado do que acha da prática inicial da caça e como cada um lida com esse hábito: “Aprendi com meu pai a andar no mato. A caçar não, é mais de cada pessoa. É difícil aprender, um caça de um jeito, outro caça de outro; um acha, outro não acha. Cada um tem um estilo, um jeito, uma forma de caçada, agora meu pai quando era vivo tinha um abate bom.”, relata o caçador.

E ainda o outro caçador, com uma experiência muito parecida, explica: “Eu comecei eu ainda era solteiro, tá com mais de 15 anos, comecei a caçar menino ainda, eu tinha 12 para 13 anos quando comecei a entrar no mato pra caçar e até hoje eu nunca parei”, conta o entrevistado 07.

O mesmo conta que já ensina seu filho e diz como se deu a entrada dele e qual sua atividade ajudando seu pai “Eu aprendi a caçar sozinho. Meu menino vai caçar comigo, tem 15 anos, ele vai muito comigo. Ele começou igual a mim, com 12 anos. Ele

que pedia pra ir mais eu, desde novinho, mas eu não queria, mas depois que ele cresceu eu chamei ele pra caçar comigo. Eu cavo, ele tira a terra, segura a luz, fica na boca do buraco; eu ando com a ferramenta. Ele mata o bicho, já sabe tratar, pelar, abrir.”, conta o caçador 07. Apesar disso ainda resta uma preocupação enorme, ele fala da responsabilidade legal que tem sobre o filho menor de idade e que o menino fazendo isso ele poderá ser punido em caso do jovem ser pegue pela fiscalização, ele diz: “Como ele é de menor, se der algo errado, cai tudo sobre mim”, contou.

Figura 04 – Jovem caçador com sua baladeira dentro da mata



Fotografia: Leandro Restrepo (2018)

Espingarda e material de tiro utilizado por caçador para a caça de aves. Na figura 05 encontramos: espingarda, cartucho, pólvora (munição) de vários tamanhos, cinta para carregar cartuchos, e um ‘soquete’ para adentrar com a o cartucho carregado dentro da arma. Cada morador, em sua grande parcela, tem sua própria arma, inclusive dentro de casa até mesmo há uma para cada membro da família, sempre no caso, os homens.

Figura 05 – Espingarda e seus acessórios no domicílio de um caçador



Fotografia: Leandro Restrepo (2018)

Na Lei nº11.706, de 2008, § 5º diz que “Aos residentes em áreas rurais, maiores de 25 (vinte e cinco) anos que comprovem depender do emprego de arma de fogo para prover sua subsistência alimentar familiar será concedido pela Polícia Federal o porte de arma de fogo, na categoria caçador para subsistência, de uma arma de uso permitido, de tiro simples, com 1 (um) ou 2 (dois) canos, de alma lisa e de calibre igual ou inferior a 16 (dezesseis), desde que o interessado comprove a efetiva necessidade em requerimento ao qual deverão ser anexados os seguintes documentos:

I - documento de identificação pessoal; (Incluído pela Lei nº 11.706, de 2008)

II - comprovante de residência em área rural; e (Incluído pela Lei nº 11.706, de 2008)

III - atestado de bons antecedentes. (Incluído pela Lei nº 11.706, de 2008)

Porém, no caso dessa comunidade, não se tem registro de posse de armas nem autorizações judiciais para o seu uso. Nesse caso, se enquadra quase que especificamente na posse ilegal de arma o que é crime de acordo com a mesma legislação.

Figura 06 – Pá maior sem cabo (esq.) e Pá menor com cabo (dir.)



Fotografia: Leandro Restrepo (2018)

O entrevistado se sentiu bastante à vontade em responder nossas perguntas e quando foi perguntado o que mais, além de equipamentos, eles levavam, ele explicou e ainda fez uma brincadeira comigo querendo saber se depois de tudo que eu estava vendo e aprendendo eu teria coragem de entrar na mata. Ele explica: “Levamos comida, água, sem comida o cara não aguenta. Leva lanterna; vai uma arruma da porra hoje. Tem coragem de ir? (risos). Vou hoje, já estava até carregando a lanterna ai”, entrevistado 04.

A foice, figura 07, é utilizada para abrir a mata. O caçador caminha e enquanto caminha vai cortando a mata para adentrar mais ainda no local e sofrer menos com os arranhões causados pela mata seca. Um caçador, entrevistado 04 conta como é feito o procedimento de entrar na mata e ele conta o que usam: “Nos caçamos com foice, não usa espingarda não, o ferro e a pá. Pássaro não caçamos, porque a gente só a caça de noite mesmo”.

Figura 07 – ‘Foice’ usada para cortar o mato



Fotografia: Leandro Restrepo (2018)

Figura 08 – ‘Chadeco’ usado como ‘anzol’ para retirada do roedor de dentro do buraco



Fotografia: Leandro Restrepo (2018)

Nesse caso os equipamentos utilizados são de fabricação própria, caseira, tirando a espingarda, eles mesmo a partir da necessidade, criaram ‘produtos’ da caça buscando aprimorar o desempenho e captura dos animais.

Quadro 1 – Espécies de animais capturados pelos caçadores do Amarelão

Espécies – Nome vulgar	
Mamíferos	Aves
Tatu	Juriti
Peba	Ribaça ou Arribaça
Tamanduá	Nambu
Tacaca	Rolinha
Teju	Jacu
Camaleão	Marreco
Punaré	Socó boi
Preá	Socó
Mocó	Mergulhão
Timbu (Gambá)	Jacanã
Raposa-do-campo	Maçarico
Gato do mato	Carão
Veado campeiro	Sariema
Furão	

Esses foram os principais animais mapeados na nossa pesquisa com base nos dados da população local que foram lembrando os animais que já fizeram parte da sua dieta em algum momento de sua história. Entre outros podemos citar até ovos, como o de camaleão e a famosa tanajura em épocas chuvosas. Gato do mato eu não encontrei, e a coisa mais difícil”, relatou o entrevistado 04.

Os caçadores usam armas de fogo e cachorros nas caçadas. Muitas vezes, no entanto, os animais são capturados ou mortos antes que gastem sua munição, graças a uma série de armadilhas e técnicas especiais de caça para cada tipo de animal.

Assim, o animal pode apenas ser capturado por meio de uma armadilha e dependendo da armadilha, no caso da de pedra ou ‘quixó’, pode levar o animal a óbito antes mesmo de ser capturado. E por meio de amarras são levados, alguns, ainda vivos para a aldeia.

A atividade de caça é realizada em mata onde não há roçados e onde não se invade terras privadas para que não haja conflitos com os proprietários dos territórios vizinhos.

Encontra se também na Lei de Proteção à Fauna nº 5.197/1967, que a Lei nº 6001/1973 art. 24 § 2º que “§ 2º É garantido ao índio o exclusivo exercício da caça e pesca nas áreas por ele ocupadas, devendo ser executadas por forma suasória as medidas de polícia que em relação a ele eventualmente tiverem de ser aplicadas.”. (BRASIL, 1973).

Quando questionado sobre a diminuição das espécies os caçadores divergiam pouco, porém, os mais antigos diziam sim que houve uma leve diminuição no volume de animais que existiam 20 anos atrás com os de hoje em dia. “Não compro não, como só o que tem mesmo (o que ele pega)”, relatou um caçador. Já outro ex-caçador, mais velho dos entrevistados comentou “Hoje em dia diminuiu muito. Saia para caçar chegava com um saco cheio.”, porém, não se pode calcular a precisão da afirmação pessoal do entrevistado.

Figura 09 – Arcada dentária comprometida de um cachorro de caça



Fotografia: Leandro Restrepo (2018)

Falar do cachorro na caça, figura 09, é algo fundamental para os caçadores. Na fala de um dos entrevistados ele fala “o cachorro é quase um filho, mas não se mimar demais... não pode ter excesso”, entrevistado 03. O papel do cachorro é fundamental na hora da caça. Ele é o principal responsável por ‘acuar’ a caça, ele arroteia, e você apenas chega com um pedaço de pau e mata. O animal é levado principalmente na caça noturna, pois devido ao farejo tem grande facilidade em achar os bichos caçados.

“Eu tenho muito cuidado com o cachorro, não dou, não judio, dou banho nele, eu tenho zelo demais com ele.. esse já está com uns 8 anos. Até 12 anos ainda aguenta na caça”, conta o entrevistado 06. Os caçadores chegam a gastar R\$1.200,00 reais na compra de um cachorro para ser utilizado na caça. Eles ainda reforçam que compram o cachorro com até 06 anos de idade, mas já sabendo que ele é bom de caça.

Outro caçador faz também um relato muito pertinente a respeito do seu amigo fiel de caça, o cachorro, em uma situação que me chamou muito a atenção pelo exímio esforço. Ele conta que ficou quase 30 dias sem caçar porque seu cachorro havia falecido e teve uma solução, ele fala: “Porque nós não tínhamos de condição de comprar outro (ficaram sem caçar os quase 30 dias). Ai meu irmão e nós trabalhamos, trabalhamos e

conseguimos comprar outro”, finaliza orgulhosamente sua conquista.

O papel do cachorro no momento que ele encontra a caça de acordo com o entrevistado 06: “Ele late até nos chegar, não para de latir não. Por exemplo, quando estamos caçando de 20h, se der meia hora mas ele não para não tem distancia longe pra eles ir buscar o bicho não.”. Ele explica que o animal ao encontrar e acuar o bicho, só para de latir quando o seu dono chega.

“Chegar lá a gente limpa o buraco, tora os pau e começa a cavar até matar quando não dá pra matar tenta matar no outro dia.”, finaliza o caçador sobre os últimos momentos do animal. Outro comentário de um ex-caçador também é interessante, ele conta: “Eu caçava com cachorro, quem caçava era o cachorro, quando ele acuava eu ia lá e matava, quando não dava, eu ia embora”, dizendo que a caça em si seria realizada pelo animal, e ele seria responsável pelo abate final.

Figura 10 – ‘Perneiras’ usadas pelos caçadores para entrar na mata



Fotografia: Leandro Restrepo (2018)

A caça pode acontecer de dia e pode acontecer pela noite, ambas com cachorro. O entrevistado 04 conta que “O cara caça mas é arriscado levar uma mordida.. mas bota a calça e o sapato para dar mais segurança, se ela morder não tem perigo de

machucar nós”. Além da calça de proteção as picadas, usa-se uma bota de bico de ferro, típica de centrais de distribuição, para que se dê mais comodidade para andar na mata quanto para evitar mordidas ou picadas indesejadas.

Em parte da entrevista, o entrevistado 06 fala o quão é cansativo caçar por longas horas, ele fala: “É muito cansativo, se enfada muito. O sol quente, o calor, caço hoje com cachorro, tenho dois cachorros aqui.”, conclui. As caçadas normalmente começam as 16-17h ainda no entardecer e costumemente só acabam pela manhã, entre 5-6h é o horário que eles retornam para casa com suas caças.

Para analisar melhor os perigos e o porquê do uso da ‘perneira’ figura 10, ele explica sua utilidade e conta uma história que viu quando era criança. “Ah, cobra o cara vê direto cascavel, cobra de veado. O cara vê demais. Jararaca, até agora nunca vi nada, a gente anda de perneira. Se der tempo vai pra rua, se for uma cobra venenosa, não passa mais que cinco minutos quando não mata fica cego, aleija... só um cabra quando caçava com meu pai morreu o que foi mordido.”, entrevistado 05.

Ele finaliza dizendo que já sai vestido com toda os paramentos apropriados para iniciar a caça, no caso a bora e a perneira. Além de levar todos seus equipamentos.

“Agora meu marido caça com espingarda, a gente tem medo disso aí, do IBAMA, pra não dar problema.”, relata a esposa de um dos caçadores os medos que ela enfrenta diariamente devido a atividade de seu marido.

Na figura 11, temos a designação do Google Maps referente a distância real entre a cidade de João Câmara, polo econômico da região, e o local onde está situada a aldeia do Amarelão. De acordo com eles, a distância é de 13 km, indo pela Br-406.

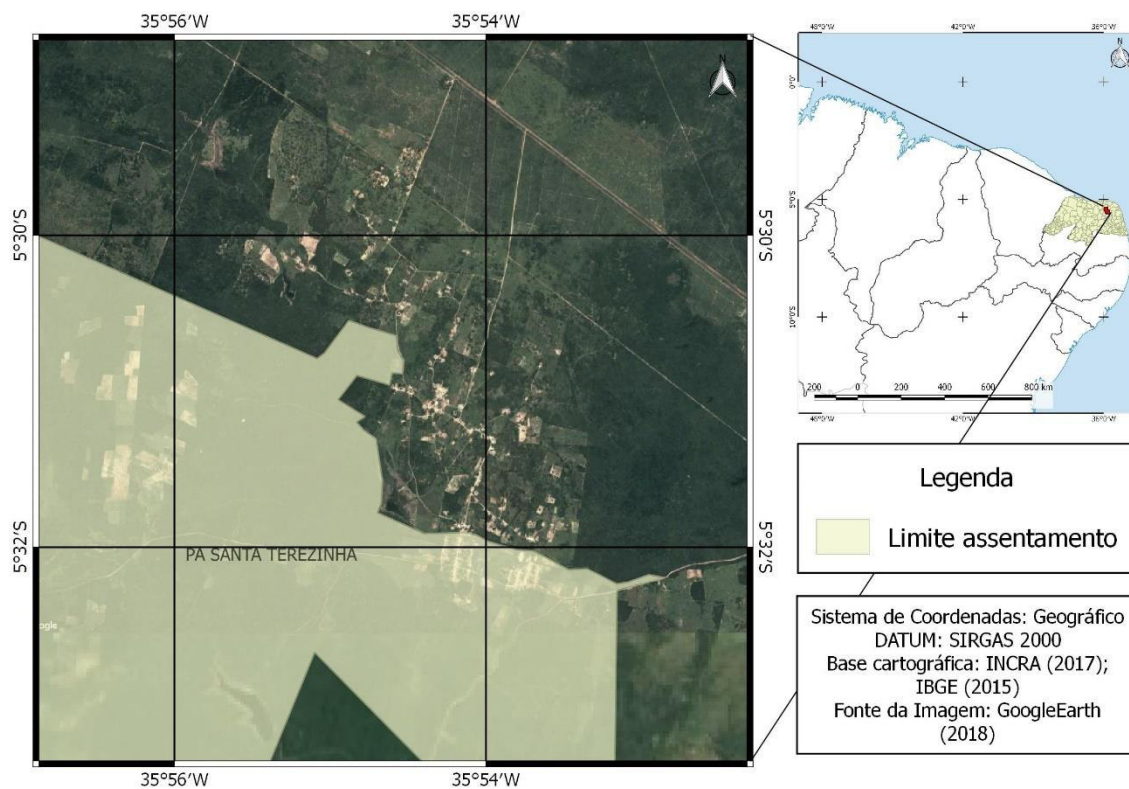
Porem, já na figura 12, temos o mapa que foi elaborado com a ajuda dos bolsistas do Labocart e que fora totalmente elaborado por meio de um GPS. Um membro líder da comunidade percorreu os principais pontos do seu território e fomos demarcando cada local que é considerado parte do Amarelão, resultando no mapa da pagina a seguir. O local fica a leste do Rio Grande do Norte e conta com dois assentamentos fazendo divisão com suas terras.

Figura 11 – Mapa mostrando a distância entre Amarelão e João Câmara (RN)



Fonte: Google Maps (2018)

Figura 12 – Mapa da Comunidade de Amarelão (Rio Grande do Norte) feito com GPS



Na imagem abaixo vemos o Quixó, figura 13, armadilha montada, pronta para

uso, porém ainda sem um ‘atrativo’ para o animal. Ela é feita de varetas e uma pedra pesada. O entrevistado 01 montou a armadilha em questão de minutos apenas com a ajuda do seu facão. Ele conta que essa armadilha é bastante efetiva, porém, pode não ser muito sustentável devido ao fato de ela chegar a matar o animal antes do caçador chegar para coletá-lo, podendo assim, abater um filhote ou até mesmo uma fêmea grávida. Outro caçador ainda complementa: “Com o uso da espingarda para pegar o Nambu, não usamos mais o quixó ou arapuca, os meninos usam mais como diversão.”, finaliza o caçador 02.

Figura 13 – ‘Quixó’ – Armadilha usada na caça dos animais silvestres



Fotografia: Leandro Restrepo (2018)

Fato curioso na fala de um caçador foi que ele comentou: “A gente vai duas, três vezes por semana... as vezes quando não estamos fazendo nada, vamos caçar, aí qualquer coisa guarda no congelador.”, contra o entrevistado 05. Isso mostra que mesmo a caça sendo praticada sem fim imediato de consumo, pensa-se de maneira a não faltar também, de forma que a garantia do alimento da sua família estará mais fácil para o acesso em caso de necessidades.

Quando o entrevistado 6 foi perguntado se gosta de caçar ele conta: “Eu gosto de caçar, eu acho bom, o esporte. Eu caço com espingarda a rolinha a arribaçã. Fui hoje

mas só matei uma rolinha”, finaliza. Talvez negativamente, sua palavra ‘esporte’ não seja a mais bem apropriada, pois, ele não leve em consideração a cultura ao falar disso, apenas o lazer. Mas para além disso, inconscientemente esse entrevistado não analisou que isso pode sim ser um ritual cultural local e que ele pratica isso exatamente por estar inserido naquele contexto e não a um fator externo que viabiliza ele ir ‘se divertir’ caçando, como algo distante da realidade que ele vive.

Figura 14 – Coleção de rabos de tatu na casa de um caçador



Fotografia: Leandro Restrepo (2018)

Figura 15 – Rabo de tatu seco (quanto maior, mais velho era o animal)



Fotografia: Leandro Restrepo (2018)

Para o caçador o artefato tem grande importância. A Figura 14 mostra bem que o entrevistado guarda como uma decoração, embelezando sua residência e ao mesmo tempo servindo como um troféu para lembrar de suas conquistas. A exibição fica exposta na cozinha, local onde o animal foi preparado e consumido. A mesma é pregada com a ajuda de um prego na parte de madeira que sustenta o telhado.

“O tatu é o mais difícil de pegar, ele corre muito, tem que ter um cachorro muito bom pra pegar”, conta o entrevistado 04. Cada animal, por natureza, tem uma maneira de se proteger do ataque do ser humano ou dos cachorros, no caso. “O peba é o mais fácil de pegar, até um menino novo pega”, conta ainda o entrevistado 04 da facilidade em se pegar esse animal por ser mais dócil que os demais caçados.

Figura 16 – Ex-caçador pousando para foto antes de entregar um presente



Fotografia: Leandro Restrepo (2018)

“Não mato mais não, é difícil, só se ela vier se entregar (Nambu). Vai dar um torrado (risos)”, conta o ex-caçador mais antigo entrevistado. Ele relata que já deixou a prática de lado, porém o gosto por consumir a iguaria permanece. O mesmo que começou a caçar com 18 anos, perpetuou a prática por mais de 50 anos na comunidade. E ainda lembra do começo “quando era criança só achava bom comer”, contra o entrevistado 08. Diferente dele, ele não quis ensinar nenhum de seus filhos a caçar.

Em entrevista alguns dos caçadores disseram que o homem consegue caçar até uma idade um pouco avançada, não tanto. Um dos entrevistados cita: “O homem deixa de caçar quando fica velho, cansado, com uns 60 anos”, disse. Porém, há relatos de homens com uma idade posterior a isso que continuaram na atividade, esse número é uma aproximação. O entrevistado 07 contou para nós que deixou de caçar com 70 anos, a dois anos atrás.

E no caso contrário o número de mulheres que caçam é mínimo, por vezes quase inexpressivo. Porém, há relatos sim de mulheres caçadoras e tivemos a oportunidade de conhecer duas, porém, sem muitos relatos. A fala de um entrevistado diz: “Era só homem na caça, não via mulher.”, conta.

Porém, na caça nem sempre é um mar de rosas. Por inúmeras vezes caçadores vão a mata e voltam sem nenhuma caça. Um dos entrevistados citou “fui hoje, mas só matei uma rolinha”, lamenta o mesmo. Além disso, alguns foram questionados sobre acidentes na mata, a grande parte disse que nunca lhes aconteceu nada, porém, um caso específico chamou a atenção e aqui eu transcrevo a fala do entrevistado 07 “Já me machuquei, levei uma queda, inchou o pé, quase que eu não chegava em casa, cai dentro de um buraco, e eu não vi, entupido de mato, tinha uns dois metros de fundura, eu estava sozinho e saí assim mesmo. Até hoje ainda sinto dor no meu pé. Já vi raposa, cobra grande, (mimica). Agora cachorro já morreu de picada de cascavel também”, relatou.

O entrevistado 07 mostra as marcas desse dia, ele contou que sente dores na sua perna até hoje, especificamente na parte do tornozelo direito. Felizmente ele sobreviveu e hoje mesmo após esse susto não deixou de praticar a caça em nenhum momento.

Assim, como se deve imaginar, há aquelas pessoas que praticam o ato da caça sem muita responsabilidade com o meio ambiente e até mesmo com a própria comunidade. Há diversos caçadores que já foram presos e que sofreram sanções graves pelo excesso de caça, não considerado para consumo próprio, e tiveram grandes problemas judiciais.

Um dos entrevistados nos relatou de forma bem resumida o que aconteceu com ele ao ser pego pela fiscalização estadual e após condenação efetivada pela Justiça de João Câmara. Ele conta “Já fui preso pelo IBAMA, passei quatro meses trabalhando pro estado, arrancando toco, limpando a rua, era quase R\$ 50.000,00 mil em dinheiro e eu não tinha como pagar. Foi na postura da arriça, prendeu todo mundo, só eu tinha pego 400 arriças. O carro vinha cheio”.

Um relato friamente arrependido, pois a prática desenfreada além de causar graves danos ambientais, tem-se punição alta financeira, algo que dificilmente uma pessoa comum, com renda pouca, teria condições de pagar. E hoje, mesmo após esse incidente ele continua na caça dessa ave mesmo em seu período de postura.

Ainda na face da arriça, o ex-caçador, entrevistado 08 relata: “Arriça; a caçada é perigosa, não era perigoso, antigamente não tinha o IBAMA, essa cacaca que fica de fora não e nem daqui, ele vem e depois vai embora. Já morreu gente, já ficou gente aleijada, não era pra ser proibido, pois não tem marca, não tem ferro, não tem dono. Mataram um veado lá atrás e aqui é produção que deus deixou”, finaliza. Comentando

que a comunidade sofreu graves problemas devido a caçada predatória a ave. E ainda diz que desde que foi proibido nunca mais foi a caça dela novamente.

A ideia de subsistência na comunidade é tão forte que um relato chama a atenção pelo certo desespero e necessidade do entrevistado, ele conta: “Antigamente eu ia uma vez na semana era necessidade, no barracão só tinha feijão e farinha, e o mato cheio de caça, tu acha que a gente não ia, ia sim”, finaliza. Assim, podemos ver que durante inúmeras décadas a caça se via inteiramente por uma necessidade nutricional.

Porém, quando comentei que outros caçadores pegavam centenas de aves para consumo próprio ele de imediato não acreditou, mas logo deu uma explicação mais plausível sobre o volume de aves caçadas. Ele conta: “Se você vai comer 100 ribaçã, então só traga 100 ribaçã, se não, não traz, tem filho, mulher, neto, tem que trazer o pra comer”, reforçou, sempre levando em consideração a caça apenas para consumo consciente.

Outro fato que chama a atenção pelo dissabor é o fato de haver uma prática que virou comum no meio dessa cultura, algo que particularmente não torna o rito saudável. Esse ato é o ‘Bolão’ que acontece entre os caçadores algumas vezes quando vão para a mata em grande volume de gente. Um entrevistado conta como funciona: “Aqui é quase todo sábado 50-60 caçadores fazem o bolão. Já ganhei algumas vezes, meu cachorro é bom”, relatou ele. A premiação pode chegar ao valor de R\$300,00 reais.

Os caçadores tem o hábito tanto de irem juntos quanto de irem sozinhos. Um relato do entrevistado 04 explica melhor essa situação: “Tudo do mesmo jeito, mas quando chega lá, vai dez caras daqui, dá quatro turmas, cada qual caça com um. Quando chega lá se separa, mas ‘faz hora’ tudo juntos.”. Ele explica que todos levam os mesmos ‘armamentos’ e antes de irem cada um por si na mata, ficam juntos conversando, comendo e se preparando para adentrar.

E no meio da entrevista a mãe de dois caçadores fez um relato emocionada pois ela viu a importância que estávamos dando a atividade dos caçadores e ela comentou: “a gente fica preocupada enquanto ele não chega”, relata. E eu ainda a questioneei se o seu filho tinha medo de entrar dentro da mata e ela sem titubear contou: “Tem nada, já são acostumado, entra com tudo dentro do mato, com os cachorros.”, finaliza a mãe.

E em outro momento a mãe de um dos caçadores também nos ajudou fazendo um breve relato complementando a fala de um filho: “Desde pequeno que ele caça, atirava de baladeira e agora que ele começou, o pai dele não caçava não. Os amigos também

fazem”, conta a mãe de um dos caçadores.

“Tem quem caça sozinho quando tem um cachorro bonzinho”, relata o entrevistado 03. Há ainda a preocupação com a qualidade do animal, e nesse caso, o cachorro sendo ‘bom’, com habilidades de acuar as caças sozinho, é considerado suficiente para acompanhar o caçador e os dois fazerem uma boa caça.

“Às vezes se mata porque está com fome, e a comida está bem ali, quem é esse que não vai comer? Né? Agora pra negociar, é outro problema. Eu tô com fome, minha família tá com fome, e não tem, eu vejo um peba, um tatu bem ali, e eu tô com a espingarda, eu pego e boto no fogo”, relata o ex-caçador em momento de profunda abertura para compartilhar seus quase cinquenta anos de prática caça e as inúmeras experiências que passou.

E ele ainda complementa a sua família: “Negociar é errado, sendo pra consumo, necessidade, vamos matar, vamos comer. Nós vamos preso, mas vamos com a barriga cheia”, demonstrando preocupação com a sobrevivência de sua família em caso de proibição e criminalização da caça e possível apreensão policial.

Um dos caçadores ainda comenta a seguinte preocupação quando perguntado se a sustentabilidade da caça existia, ele fala “Caça não faz mal a natureza, eu acho que não, o que deus deixou no mundo não faz mal a ninguém. Tudo tem um limite, se você quer 20, 10, se não, deixe lá, o que e necessário a se matar e aquilo que já tá pronto, o que não tá deixa ali”, contou.

Um dos últimos entrevistados faz um relato que já desconstrói toda a ideia da necessidade de alimentação da caça, ele diz: “A gente caça por que já somos acostumados e quase que nem um esporte, é bom sair daqui, 7 comboio de moto, as vezes a gente faz um bolão, mas não é mais uma necessidade de comida.”, ou seja, indo em contra mão com seus ‘parentes’ do Amarelão, fazendo da caça uma atividade apenas de divertimento. E ainda finaliza de maneira mais preocupante: “Quando a gente acha quem vender a gente vende, quando não, a gente come.”, colocando a caça como mercadoria.

E apesar disso, quando questionado sobre o maltrato que ele faz a Natureza agindo dessa forma e sobre o medo que isso não deve causar nele, o caçador responde: “Eu acho que um crime matar as caça, a gente caça sabendo que é errado. Já tive problemas com o IBAMA, a gente voltando da mata de manhãzinha, e pegou eu e meu amigo. Eles queriam levar nos, os cachorro, as moto e o peba. Ai mandaram soltar o animal, e um dos guarda queria prender a gente e o outro queria nos liberar. Fazer medo

faz, se for pego desce pra Natal, paga multa, não vale a pena. Mas mesmo assim continua caçando”, finaliza.

“A família reclama, fica preocupada, eu caço sozinho... a última vez que eu fui foi antes de ontem, vai na quinta e volta na sexta. Porém, não peguei nada, o mato está ruim de mais nessa época. Porque está muito verde, o cachorro não anda, tem muito inseto devido as chuvas.”, comentou o caçador 07.

Um caçador conta que na noite anterior havia comido o peba, porém, não tivemos a oportunidade de registrar o preparo da carne, mas ele conta que além de pegar para o consumo, vende o excesso ou dá para algum parente da comunidade. Ele fala: “Na noite anterior ele comeu peba, que deu de presente em um aniversário que foi e no mesmo dia fizeram torrado. O peba custa 30\$ uma unidade. Já teve vez que tirei o dinheiro da feira só de eu vender a caça.”, caçador 07.

Figura 17 – Jovem caçador posando com seu cachorro de caça



Fotografia: Leandro Restrepo (2018)

Ainda há um fato bastante curioso que o caçador 07 relatou para gente. Ele conta que cada animal tem um método de defesa diferente e quais danos podem causar a ele e seu cachorro de caça: “Pra toda as quatro caça, tem sua defesa: o peba é a cavagem,

ele sendo arisco você não pega de jeito nenhum.; o tatu é a corrida, muito rápido, ninguém pega; o tamanduá é a unha: gigante, parece a ponta duma faca, cega até os cachorros ele fica em pé esperando pra atacar o cachorro; a tacaca: é o mijo dela, se pegar os cachorros não conseguem mais caçar de jeito nenhum.”, finaliza o próprio.

Em Zarvos (2000) ele mostra que desde o descobrimento do Brasil em 1500 diversos povos para cá vieram, trazendo suas crenças e suas culturas, que aqui se misturaram e produziram, com o passar dos séculos, o que hoje entendemos como nossa cultura gastronômica brasileira.

Assim, ainda em Zarvos (2000) ele conta que os portugueses aqui introduziram, além do seu idioma, os seus hábitos alimentares, que já apresentavam influências orientais. E esses hábitos adquiriram fortes traços da cultura negra e um pouco menos da cultura indígena. E esses traços estão até hoje permanentes de forma indelével na culinária do Brasil.

“Quando ele mata a gente come. A gente prefere a rolinha, a arribaçã. Os filhos não caçam, só o pai”, relatou a esposa de um dos caçadores quando questionada sobre ter na sua dieta os animais provenientes da caça. E ela ainda completa: “Geralmente a gente compra carne a que a gente come”, se referindo às carnes da cidade, congeladas e industrializadas.

Figura 18 – Tatu-peba de criação posando para foto



Fotografia: Leandro Restrepo (2018)

Como é feito o abate final desses animais? Principalmente peba, tatu, tamanduá e a tacaca de acordo com o entrevistado 05 “A gente mata quebrando o pescoço dele, pega a cabeça dele e joga pra trás, até dar um estalinho. Nem se mexe mais depois. O jeito é esse mesmo, todos quatro. Tem caçador que dá de paulada na cabeça do bicho, mas eu não gosto não”, finaliza ele. Outro caçador complementou sobre o abate, diz “O animal sofre, todo vivente sofre pra morrer.”.

“Todo mundo come o que é caçado, todo mundo gosta. A gente também gosta das carnes da rua, mas as caça também é boa”, relato do entrevistado 08.

“Se eu usar um largado – um teju, o processo de limpeza dele, a gente (sapeca) ele no fogo e depois faz uma raspagem para tirar a pele dele todinha, depois lava-lo bem e só depois disso que se pode escaldar. Coloco ele dentro dessa agua e retiro, ai já posso cortar e preparar. Usando a agua quente sempre depois da raspagem. No sentido geral o camaleão, teju, é o mesmo processo. O peba e o tatu fazemos o mesmo processo. Da uma sapecada, passa na chama, depois faço a raspagem”, entrevistado 01.

“No caso do preá, colocamos a agua no forno, eu molho ele dentro da agua quente, no punaré, tacaca, timbu... a tacaca é quando for cortar, tem um processo

cuidadoso, quando terminar todo o processo, tem que se ter um cuidado o local onde fica a urina se romper esse reservatório eu vou estragar toda a carne e não serve mais para comer, não pode cortar a bexiga. Depois disso, tirando isso, pode cortar normal e levar a panela.”, comenta o entrevistado 01 ainda.

Ainda no processo de limpeza dos animais, o entrevistado 01, um dos mais experientes continua sua explicação: “Existe animais maiores o gato o veado, no caso do veado, assim, tem duas formas de prepara-lo, primeiro as pessoas gostam de usar também, a limpeza, logico, preferem tirar o couro dele, pendura, tira o couro, e no caso do veado é a mesma coisa, tira-se o couro, deixa basicamente só a carne dele. E no caso da raposa, só que a raposa, tem-se uma crença que o couro da raposa é utilizado para tratar hemorroida, por exemplo, retiram o couro pra usar nesse contexto da medicina tradicional, assim como a banha. O processo de preparo desses animais, são muito semelhantes, poucos consomem a carne da raposa.”, finaliza.

“A parte de preparo: tem caças que são consumidas torradas. O peba, tatu, é torrado. Não e cozida pois fica com muito caldo e não preferem, é quase que apenas no óleo, fica com o sabor melhor. Se torrar a caça, e também pra alguns tipos de caça é assada, o preá é assado na brasa, no caso dele quando se vai assar não se leva muito tempero, fica mais na base do limão e do sal. Seja rolinha ou nambu. Tem caças que não se consegue assar, o veado por exemplo fica duro, é preferível torra-la, o gato do mato também, tem a carne mais arrochada, tem que ser bem cozinhado pra poder comer sem dificuldade.”, explica o entrevistado 01 o gosto tradicional dos parentes.

No caso da ave, do marreco, pra limpar ela, o entrevistado 01 explica que tem que retirar as penas e o couro, ou ‘pato selvagem’, no entanto, nas demais aves pode-se tirar as penas das rolinhas, ribaçãs, que não se tem muito trabalho (imagem) e quanto maiores, e no caso do carão, é preciso dar uma leve escaldada para ficar mais fácil a remoção dessas penas.

“Poucas pessoas assam o cameleão e o teju, normalmente é torrado. Timbu, também tem o odor muito forte, tendo que tomar o mesmo cuidado que deve tomar com a tacaca.”, explica finalizando a fala o entrevistado 01.

Figura 19 – Rolinhas e Arribaçã recém abatidas com tiros de espingarda l



Fotografia: Leandro Restrepo (2018)

No caso das aves elas são caçadas com espingardas. O caçador já experiente tem uma grande facilidade em acertar o disparo com apenas poucas tentativas. Na imagem acima vemos a rolinha e a arribaçã, aves muito apreciadas na cultura do Amarelão.

Quando pensamos no preparo dos pratos a uma semelhança comum com os ingredientes das refeições da grande parcela da população brasileira. Um entrevistado conta como prepara a carne de caça, ele diz: “tempero... pimenta, alho, colorau, cebola, coentro, óleo, vinagre, é cozinhado, assado não e bom não, tem que ser torrado (peba). Na panela”.

A entrevistada 09 conta pra gente o método dela de preparo e como gosta de consumir a carne: “Preparo com alho, pimenta, coentro, cebola, óleo, tudo eles preparam pra botar nas caças é cozido, não assa não. Pouca água, torrado mesmo. Sendo uma panela de pressão é 10 minutos, sendo na panela normal é uns 20 minutos.”, conta a entrevistada.

“No caso de temperos, olha, os tipos de temperos são comuns, porque, a culinária normal, sal, alho, pimenta do reino, alho poró, colorau, óleo, e algumas ervas daqui, chamada de louro, limão, vai depender da caça”, entrevistado 01.

Quando questionei do gosto pessoal dela a respeito da carne de caça, ele

responde: “‘Homi’, sendo um tatu, ou tamanduá, a carne dele é gostosa.. a tacaca fede demais, eu não gosto não, muita gente come torrada pra comer. O tatu é tipo um peba agora a carne dele não é igual à do peba, é mais gostoso, é branca, a do peba é mais vermelha.”, conta ela. E ainda complementa: “É mais macio... como com a farofa, arroz, macarrão, feijão.”, finaliza.

Figura 20 – Pássaros sendo depenados a mão pelo próprio caçador2



Fotografia: Leandro Restrepo (2018)

“Aqui quem corta as carnes sou eu: ela tempera. Eu acho que o peba é o mais gostoso, os outros eu nunca nem comi! Mas o peba é gostoso. Os pássaros tudo são bons, tudo.”, conta o caçador que caça todos os animais, porém, só se alimenta de um. Mostrando assim um certa despreocupação com a vida animal.

“Sendo nova é 3\$ parecia a velha é 2\$ é pequena, só que a nova e mais gostosa que a velha, a velha tem só osso”, conta a entrevistada a respeito da Ribaça.

Figura 21 – Processo de retirada dos órgãos internos



Fotografia: Leandro Restrepo (2018)

O processo é feito todo pelo próprio caçador. Ele não encontra nenhuma dificuldade e conta que já faz esse processo desde que era jovem. Rapidamente, em questão de minutos, ele já havia depenado todas as aves e arrancado suas cabeças. Em seguida, logo após os primeiros processos, o mesmo se utiliza de uma faca pequena e começa a abrir as aves de baixo para cima retirando todos os ‘miúdos’.

Interessante nesse momento é que ao retirar os órgãos das aves o caçador os jogava diretamente em direção ao solo e as suas próprias galinhas de criação faziam o consumo desses dejetos, de certa forma, um canibalismo. Assim, ele seguiu com todas, uma por uma o mesmo processo até finalizar. .

Figura 22 – Momento de lavagem em água e vinagre das aves



Fotografia: Leandro Restrepo (2018)

Essa etapa, de acordo com o caçador, tem fundamental importância para a conservação prolongada da carne. Ela precisa ser bem lavada, as vezes se utiliza de um ácido como limão ou vinagre para supostamente diminuir a ação bacteriana em cima da carne e garantir que o produto dure mais tempo na geladeira do caçador. Rapidamente é feito esse processo, ele enxuga apenas um pouco para tirar o excesso e logo vai colocando dentro do saco, uma por uma.

Após ser colocado em congelamento o caçador não soube dizer exatamente quanto tempo teria de validade, porém, ele disse que não dura mais do que uma semana na geladeira logo que rapidamente ela é consumida pela família.

Figura 23 – Produto sendo acondicionado em congelador doméstico



Fotografia: Leandro Restrepo (2018)

Quando questionado sobre a seguridade alimentar que tinham essas carnes de caça, pois devido ao meu imaginário, poderia haver uma certa insegurança ou perigo alimentar em consumir essas carnes, foi unânime a resposta contrária, disseram que além de muito saborosa, nunca houve registro de alguém passar mal. Porém, algumas são mais ‘reimosas’ e são proibidas para mulheres grávidas, pessoas com doenças mais graves e crianças muito pequenas.

Soberania alimentar e segurança alimentar na fala de Vinha e Schiavinatto (2015, p. 185):

O primeiro, defendido pelos movimentos sociais, enfatiza a autonomia dos povos e comunidades, e vai muito além de garantia de acesso a qualquer tipo de alimento. Já o segundo, utilizado pelos governos para definir estratégias de políticas públicas, traz a concepção de garantia do alimento em quantidade e qualidade às populações em situação de insegurança alimentar.

É possível encontrar uma grande variedade de criações de animais em algumas residências da comunidade, por exemplo: bovino, porco, galinha caipira, cabra, ovelha, peru guiné, pato, codorna, e outros. Esses foram vistos e os próprios caçadores e moradores visitados ajudaram nesse pequeno mapeamento.

Em um momento da entrevista, quando perguntamos como se dava o consumo, o balanço, entre carne de caça e carnes ‘da cidade’ obtivemos uma resposta curiosa: “hoje, principalmente sim (consomem carnes industrializadas), e essa pratica e reforçada entre os mais jovens, no consumo de linguiça, mortadela, salsicha... compra-se galinha congelada tendo galinha no próprio quintal. De 2005 para cá, nos aproximamos muito da cidade (João Câmara), e muitos alimentos industrializados entraram viraram comum: café, suco em pó, refrigerante, é muito recente. E essa alimentação inadequada relata em problemas de saúde, inclusive infantil, com obesidade, diabetes e hipertensão” entrevistado 02.

“Tatu é muito gostoso, é o mais procurado, mas a gente só encontra no serrote de pedra. Agora peba a gente pega 5 ou 6. O tatu é melhor, mais gostoso, tem gosto de frango, carne branquinha. A carne do peba é dura.”, conta o entrevistado 05.

Devido ao fato de ser uma cultura muito machista, os hábitos culinários de preparo são voltados quase que exclusivamente para as mulheres. Quando eu questionei que cozinha rapidamente responderam “é a gente mesmo”, mãe do caçador. E logo em seguida o caçador respondeu “mulher”, diz entrevistado 05.

“Hoje tá diferente, de 20 anos pra cá mudou muito. A minha carne preferida hoje é a de porco, quando tem dinheiro. Eu não gosto de comprar a carne da rua. Eles só comem ração, eu não gosto, a carne é outro qualidade compara com a daqui. No chiqueiro o cara bota novinho e só tira na hora de matar, ai é uma carne sadia. As vezes compra carne de gado, mas depende do dinheiro”, relata o ex-caçador sobre a qualidade, quantidade e frequência das principais proteínas na sua alimentação e de sua família.

Quando questionada sobre a regularidade que ela comia carne de caça em comparação com a carne ‘da cidade’, ela conta: “Compra carne na cidade, carne de gado, minha menina aqui compra de 3-4kg pra semana que é pra gente; a gente come mais a carne de gado, a carne da caçada as vezes dão duas três viagens e não pegam nada, um tatu eles tão vendendo por 60\$, um peba e 25\$ 30\$, eu gostava quando meu marido era vivo e ia pros matos e comprava pra gente”, conta a entrevistada.

“Tem tatu de todo peso, até de 3kg, que dava até mais de 3kg, era grande e tava morto. A gente já comprava limpo, tratado.”, conta a mesma sobre quando tinha mais condições financeiras de comprar a carne de caça dentro da comunidade antigamente. De acordo com o Entrevistado 02 (uma das lideranças), quando questionado sobre se o hábito ancestral da caça deve permanecer ou deve ser modificado ele diz “algumas coisas devem

ser mudadas, técnicas que geram problemas como armadilhas que matam, deve ser abolido. Com o dialogo tende-se a diminuir esse tipo de problema”.

Quando questionei o entrevistado 05 se era possível abandonar a cultura da caça, ou diminuir, talvez até mesmo extingui-la, ele responde “Hoje acho difícil viver sem caça, porque a gente pega pra comer, serviço aqui é muito difícil... mas se a renda fosse melhor caçaria menos, se tivesse mais condições não caçava nada.”, relata. Isso me leva fortemente a ter uma conclusão breve, porém, não generalista. Eu entendo que sim, a caça diminuiria se eles tivessem uma renda melhor, mas o seu hábito jamais deixaria de existir de vez, pois está enraizado dentro de cada um, como vi, é muito mais forte do que eles imaginam.

Em um momento final, eu questionei o entrevistado 07 sobre as condições de hoje, já com 40 anos de idade, e se ele ainda pretenderia continuar nessa prática e eles respondeu: “Eu acho que ainda vou caçar por muito tempo (risos) se não acontecer nada até lá”. O que seria nada acontecer? Talvez um acidente fatal, ou seria uma prisão efetiva pelo, infelizmente considerado, ‘crime ambiental’ praticado pelos moradores da comunidade? Nesse caso não saberemos ao certo, mas o que é certo é que a cultura da caça não vai parar por ai, pois há amor pelo o que faz, se tem prazer, deleite, alegria e união social nesse ritual.

Uma fala de um caçador me chamou bastante a atenção: “Aqui no amarelão tem muito caçador, na faixa de 100 caçadores... agora muita gente tá indo muito pra fumar maconha, beber cachaça e andarem com ‘arengar’ no meio da mata. E atrapalha quem vai caçar, faz muito barulho, não ando com eles. Já sei até quem são, por isso tento evitar.”, caçador 07. Isso demonstra um desprezo, desrespeito e um grave problema cultural dentro de uma comunidade que luta tanto para manter forte seus hábitos corretos, hábitos de exímio amor a natureza, o que o caçador relata vai de contra mão com o que dezenas de bons caçadores fazem para manter sua cultura ainda viva.

Figura 24 – Teju caminhando pela estrada do Amarelão



Fotografia: Camille Notebaert (2018)

Área de estudo

A região estudada está inserida no sertão central do Rio Grande do Norte de acordo com Noronha (2012) e conta com um clima semiárido, quente, caracterizados pelos baixos índices pluviométricos e uma vegetação em base na caatinga.

Quando questionados sobre a fiscalização estadual feita pelo IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente), eles contam da grande frequência de fiscalizações, de maneira periódica, e principalmente na época de ‘postura’ (reprodução) das aves, principalmente a Arribaçã, ave muito degustada dentro da comunidade. Normalmente os fazendeiros da região costumam ser os próprios a fazerem a denúncia contra os caçadores.

Eles alegam que os seus animais de criação se assustam devido aos sons altos (barulhos) e a movimentação na mata. E quando os caçadores são pegos pela fiscalização sua situação não fica fácil. A caça é confiscada e as armas também. Hoje, na comunidade,

há alguns caçadores que estão sendo processados pelos danos ambientais causados, sendo alguns desses respondendo por mais de um processo. Em alguns casos, no dia da audiência um representante líder da comunidade acompanha réu, assim como um servidor da FUNAI para ajudar nos esclarecimentos do processo.

O caso da Arribaça é muito pertinente na comunidade, por ser uma ave bastante apreciada pelo seu sabor, porém, de acordo com as falas, o momento que se há mais necessidade de caça desse animal é no momento de entressafra da castanha, janeiro a setembro, pois a população tem uma renda menor e precisam da proteína para a alimentação da família e a ave representa valor significativo na dieta local.

Na fala de Disteschi (2016, p. 63) ele diz que “O que fica evidente é que, para se fazer gastronomia, diversos são os agentes envolvidos, desde o produtor até o consumidor final.”. Assim, considero o trabalho de grande importância para a bibliografia gastronômica, pois traz uma identidade que pouco se comenta e que se teceu uma mística quando se fala em consumo de carnes de caça.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa buscou ressaltar a importância dos alimentos provenientes da caça na formação social, e cultural da comunidade dos “Mendonça” do Amarelão, situados em João Câmara, Rio Grande do Norte, com a iniciativa de auxiliar o povo a se auto reconhecer através desse hábito que formaram suas tradições alimentares.

Assim a pesquisa adentrou na discussão sobre o tema como uma investigação e introduziu a academia um questão delicada que é caça de animais silvestres. Por isso, a pesquisa me traz como resultado um novo leque de discussões acadêmicas e principalmente dentro da própria comunidade ao rever seus hábitos culturais. Infelizmente, por não haver bibliografia suficiente, não podemos afiar a sustentabilidade ou não da caça.

Com isso, leva-se a crer que o trabalho estará desenvolvendo papel fundamental na identificação da cultura alimentar desse povo, assim como também servirá de documento legítimo para sua luta nas conquistas de demarcações de terras e no seu reconhecimento étnico.

Pianca (2004) traz a informação de que infelizmente os efeitos da caça sobre as populações animais não são fáceis de serem quantificados. Já em Strong (2010) *et al*, mostra que espécies com alta reprodução, cujas populações podem suportar um nível mais elevados de caça com baixo de riscos de extinção.

Foi visto que alguns parentes vendiam a caça, o que pode gerar problemas graves a comunidade por ser uma atividade ilegal e gera um dano a fauna e as famílias do local, ou seja, foi avaliado que muitas vezes chega ao ponto de acontecer denúncia interna para que essa pratica seja interrompida. Além disso, as lideranças da comunidade fazem um forte trabalho de conscientização com os caçadores para mostrar o que é incorreto.

O interesse dos Mendonça em coibir esse tipo de caça, ilegal, para revenda, é tão grande quanto ao do IBAMA, de acordo com uma liderança, para que a cultura inteira não pague um alto preço por alguns caçadores que não representam a maioria da comunidade caçadora.

Apesar disso o caçador ainda finalizou com a seguinte fala: “Mas não dá pra viver sem a caça, não, a gente dá valor e gosta, mesmo não sendo 100% uma necessidade.”, se contradizendo um pouco sobre o que havia dito antes. Porém, isso me leva sim a acreditar que a caça é uma necessidade e também, sem dúvidas, uma iguaria

pelo qual se tem um prazer profundo em degustar constantemente.

Por um lado, temo que há sim uma característica cultural forte no feito da caça com pessoas que se importam, valorizam e acreditam na sustentabilidade da sua prática, consumindo de maneira consciente e respeitando a mãe natureza com a preocupação histórico-cultural de seu rito e a proteção da valorização de suas crenças.

Por outro lado é grande a preocupação com as questões ambientais e o desenvolvimento sustentável se houver a continuação dessa prática por tempo indeterminado. Talvez a discussão esteja apenas começando. Porém, a pesquisa optou por trazer as informações concretas a partir das entrevistas, dos pensamentos diretamente traduzidos por aqueles que diariamente praticam a atividade.

E com isso, devemos pensar que o ritual e a cultura transcende algumas crenças e trazem um diferencial difícil de se quantificar, pensando-se como uma atividade até mesmo artística para alguns. E ainda na fala de Disteschi (2016, p. 64) ele finaliza que “A gastronomia está em tudo que envolve o bem comer, ou seja, encontra-se em diferentes áreas da sociedade, de forma que dificulta a sua mensuração”, assim foi encontrado nessa pesquisa.

Então é possível destacar a grande e fundamental importância que a gastronomia pode ter nessa área de estudos focado na preservação de heranças culturais e técnicas alimentares. Assim, a conservação da prática, no que tange a experiências gastronômicas sensoriais, pode estar em perigo, perto do seu fim e nada mais importante quanto uma pesquisa sólida para mostrar todos os lados dessa incrível história.

REFERÊNCIAS

- ATALA, A. **Escoffianas brasileiras Alex Atala com Carolina Chagas**. São Paulo: Larousse do Brasil, 2007, 527 p.
- AYUSO, S. **Cecil ou os limites da caça esportiva**. Washington, 2015. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2015/07/31/internacional/1438375998_627106.html>. Acesso em 20 de mai. de 2018.
- ARMAS ANTIGAS, de caça. **Caça e Pesca**. [S.l.], 2017. Disponível em: <<http://caca-e-pesca.info/armas-antigas-de-caca.html>>. Acesso em 02 dez. 2017.
- BATISTA, M. C. de L. *et al.* Educação Indígena: um estudo de caso realizado na comunidade do Amarelão (João Câmara/RN). **Revista Querubim**, Niterói, RJ, v. esp. 3, n. 24, p. 15-25, out. 2014.
- BEZERRA, N. X. A festa da batata no Catu dos Eleotérios do RN: celebração da colheita e identidade indígena. **Arquivos Brasileiros de Alimentação**, Recife, v. 2, n. 1, p. 86-93, 2017.
- BRAND, A. **Autonomia e globalização, temas fundamentais no debate sobre educação escolar indígena no contexto do Mercosul**. In: 1ª Encontro de Educação Escolar Indígena da América Latina/MS, 1998, Dourados. Anais... Dourados: UCDB, 1998. p. 7-20.
- BRASIL. **Lei 9608, 12 de fevereiro de 1998**. Diário Oficial República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF.
- BRASIL. **Lei nº 6001, de 19 de fevereiro de 1973**. Estatuto do Índio. Diário Oficial República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF.
- CABRAL, T. de M. **Avaliação dos constituintes e do potencial mutagênico do material particulado oriundo do beneficiamento artesanal da castanha de caju**. 2010. 126 f. Tese (Doutorado em Ciências) – Programa de Pós-Graduação em Ciências – Patologia, São Paulo, 2010.
- [CAÇAR]. **Dicionário online Dicio**. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/cacar/>> acesso em 04 de jun. 2018.
- CARNEIRO, H. **Comida e sociedade: uma história da alimentação**. 7. ed. Rio de Janeiro, Elsevier, 2003, 185 p.
- CAVIGNAC, J. A. Mito e memória na construção de uma identidade local. **Revista Organon**, Rio Grande do Sul, v. 42, p. 95-111, 2007.
- DEUTSCH, WELLE. **ONU aprova resolução contra caça ilegal**. 2015. Disponível em: <<http://www.dw.com/pt-br/onu-aprova-resolu%C3%A7%C3%A3o-contra->

ca%C3%A7a-ilegal/a-18619350>. Acesso em 21 de mai. 2018.

DIETSCHI, K. M. **Economia criativa, gastronomia e propriedade intelectual: a importância do sistema de indicações geográficas no desenvolvimento nacional, com foco nos casos do Brasil e da Itália.** 2016, 73 f. Trabalho de conclusão de curso – Departamento de Economia e Relações Internacionais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016.

FERREIRA, H. F; ALVES, R. R. N. Legislação e mídia envolvendo a caça de animais silvestres no Brasil: uma perspectiva histórica e socioambiental. **Revista Gaia Scientia**, Paraíba, v. 8, n. 1, p. 1-7, jan., 2014. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/gaia/index>>. Acesso em 21 de mai. 2018.

FRANCO, A. **De caçador a Gourmet.** 5. ed. São Paulo: Senac, 2010, 287 p.

FREEDMAN, P. **A história do sabor.** São Paulo: Senac, 2009, 368 p.

FREITAS, E. C. de; PRODANOV, C. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas de pesquisa e do trabalho acadêmico.** 2. ed. Novo Hamburgo: Freevale, 2013, 277 p.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOOGLE. [**Mapa mostrando a distância entre Amarelão e João Câmara (RN)**]. 2018. Amarelão (João Câmara – Rio Grande do Norte). Disponível em: <<https://www.google.com/maps/place/Amarel%C3%A3o,+Jo%C3%A3o+C%C3%A2mara+-+RN,+59550-000/@-5.5104015,-35.880259,13z/data=!4m5!3m4!1s0x7b3df90df6f0181:0x1234c430c1718882!8m2!3d-5.5!4d-35.9>> . Acesso em 20 jun. 2018.

GUERRA, J. G. A. **Mendonça do Amarelão: caminhos e descaminhos da identidade indígena do Rio Grande do Norte.** 2007. 217 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

HERMES, A. L; SIQUEIRA, E. L. de; RODRIGUES, J. C. **Dicotomia dos entre terra e território indígena.** Juína: AJES, 2013. Disponível em: <<http://www.site.ajes.edu.br/direito/arquivos/20131030213147.pdf>>. Acesso em 28 de mai. de 2018.

HERNANDEZ, E. F. T; CARVALHO, M. S. O tráfico de animais silvestres no Estado do Paraná. **Revista Acta Sci. Human Soc. Sci**, Maringá, v. 28, n. 2, p. 257-266, 2006. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/3073/307324782008/>>. Acesso em 21 de mai. 2018.

HISTÓRIA CAÇA, e pesca. **Caça e Pesca.** [S.], 2017. Disponível em: <<http://caca-e-pesca.info/história-caca-e-pesca.html>>. Acesso: 28 nov. 2017.

LIMA, M. de F. F. Comida como cultura. **Revista De Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 40, n. 1, p. 107-111, 2009. Disponível em:

<https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=8&ved=0ahUKewiC5tmh4JrbAhXGEJAKHR3XCroQFghiMAc&url=http%3A%2F%2Fwww.periodicos.ufc.br%2Frevcienso%2Farticle%2Fdownload%2F500%2F483&usg=AOvVaw1e9MaL2gTDoTql6WL5u_0b>. Acesso em: 22 de mai. de 2018.

MONTANARI, M. **Comida como cultura**. São Paulo: editora Senac São Paulo, 2008, 207 p.

MUNIZ, C. **Na cozinha com os índios**. [S.l.], Ciência Hoje, 2010. Disponível em: <<http://chc.cienciahoje.uol.com.br/na-cozinha-com-os-indios/>>. Acesso em: 05 de jun. 2018.

MATOS, B. de A. **Matsés**. 2008. Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Mats%C3%A9s>>. Acesso em 11 de jun. 2018.

NORONHA, C. **Rio Grande do Norte – Cultura e Lugar: Geografia**. Rio Grande do Norte: Editora do Brasil Didático, 2012, 144 p.

OBRAZKOVA, M. **Caça segue tradição familiar na Rússia**. [S.l.], Russia Beyond, 2014. Disponível em: <https://br.rbth.com/sociedade/2014/04/05/caca_segue_tradicao_familiar_na_russia_24983> acesso em 20 de mai. de 2018.

OLIVEIRA, J. P. de. **Uma etnologia dos “índios misturados”? situação colonial, territorialização e fluxos culturais**. Museu Nacional, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 47-77, 11 de nov. de 1998.

SUA PESQUISA. **Índios do Brasil**. Disponível em: <<https://www.suapesquisa.com/indios/>>. Acesso: 18 de jun. de 2018.

STRONG, J.N., FRAGOSO, J.M.V., OLIVEIRA, L.F.B. **Padrões de uso e escolha de caça pelos índios Macuxi em Roraima**. Homem, Ambiente e Ecologia, Roraima, 2010. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/amp/35342145-Padroes-de-uso-e-escolha-de-caca-pelos-indios-macuxi-em-roraima-1.html>>. Acesso em 11 de jun. 2018.

SANTOS, Raquel B. **Antropologia, Arqueologia e identidade no nascimento do museu Câmara Cascudo (1960-1973)**. Rio de Janeiro. 2013. 130 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2013.

SANTOS, Rosenilson. da S. Os índios do Rio Grande do Norte no tempo presente. **Revista de humanidades**, Caicó, v. 15, n. 35, p. 191-197, jul/dez 2014. Dossiê Histórias Indígenas.

SILVEIRA, S. **A temporada de caça na Suécia**. [S.l.], 2017. Disponível em: <<https://www.brasileiraspelomundo.com/a-temporada-da-caca-na-suecia-240768677>>. Acesso: 20 de mai. 2018.

TERRA, A. K. **A caça de subsistência na reserva de desenvolvimento sustentável Piagaçu-Purus e na terra indígena lago Ayapuaá**, Amazônia Central, Brasil. Manaus.

2007. 96 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2007.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Biblioteca Universitária. **Guia de normalização de trabalhos acadêmicos da Universidade Federal do Ceará.** Fortaleza, 2013.

VERDADE, L. M; SEIXAS, C. S. Confidencialidade e sigilo profissional em estudos sobre caça. **Revista Biota Neotrop**, Campinas, v. 13, n. 1, p. 21-24, mar/2013. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/bn/v13n1/02.pdf>> acesso em 20 de mai. 2018.

VINHA, J. F. de S. C, SCHIAVINATTO, M. Soberania alimentar e territórios camponeses: uma análise do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA). **Revista NERA**, Presidente Prudente, v. 18, n. 26, p. 183-203, 2015.

ZARVOS, N. **Multissabores**: a formação da gastronomia brasileira. Rio de Janeiro: editora Senac Nacional, 2000. 136 p.

ANEXO A – DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO EM PARTICIPAÇÃO DE ENTREVISTA

2/2

Em caso de dúvida, você pode procurar a responsável pelo projeto Leandro Flávio Restrepo Frota através do telefone (85) 99969-3346 ou (85) 3366-9855 ou no Departamento de Geografia, localizado no bloco 911 do Campus do Pici da Universidade Federal do Ceará.

O abaixo assinado Francisco Manoel de Souza, de 25 anos, RG 41619, declara que é de livre e espontânea vontade que está como participante de uma pesquisa. Eu declaro que li cuidadosamente este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e que, após sua leitura, tive a oportunidade de fazer perguntas sobre o seu conteúdo, como também sobre a pesquisa, e recebi explicações que responderam por completo minhas dúvidas. E declaro, ainda, estar recebendo uma via assinada deste termo.

ATENÇÃO: Se você tiver alguma consideração ou dúvida, sobre a sua participação na pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFC/PROPESQ – Rua Coronel Nunes de Melo, 1000 - Rodolfo Teófilo, fone: 3366-8344. (Horário: 08:00-12:00 horas de segunda a sexta-feira). O CEP/UFC/PROPESQ é a instância da Universidade Federal do Ceará responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos.

Fortaleza, 11 de Julho de 2018


Assinatura do Declarante

Francisco Manoel de Souza

Assinatura da Pesquisadora

Departamento de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Ceará
Bloco 911, Centro de Ciências, Campus do Pici, Fortaleza/CE 60455-760
(85) 3366-9864 (85) 3366-9855

1/2



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

TERMO DE CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA CIENTÍFICA

O Sr(a) está sendo convidado por Leandro Flávio Restrepo Frota a participar de uma pesquisa científica com o título **COMUNIDADE POTIGUARA "MENDONÇA" DO AMARELÃO (JOÃO CÂMARA, RIO GRANDE DO NORTE): IMPORTÂNCIA DA CAÇA EM SEU COTIDIANO ALIMENTAR.** Sua participação é voluntária, sem nenhum tipo de remuneração financeira, ou seja, você não receberá pagamento e se dará por meio de uma **entrevista exploratória** contendo um número incerto de perguntas, que leva em média de 15 à 30 minutos para serem respondidas, em formato de conversa, que busca entender a sua visão sobre a importância da caça de animais silvestres na comunidade do Amarelão. No momento da entrevista suas respostas serão gravadas em forma de áudio. Esta entrevista é parte de um **projeto de pesquisa de conclusão de curso** que está sendo orientado pela Profa. Dra. Adryane Gorayeb Nogueira Caetano. O projeto está vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará, com início em 2017 e previsão de término em 2018. O objetivo da pesquisa é estudar e mapear, através de relatos dos moradores, a importância da caça na cultura e na alimentação do povo do Amarelão com o intuito que isso contribua no processo de preservação ambiental deste espaço e que sirva de documento histórico para o desenvolvimento social desse povo. Os riscos decorrentes de sua participação na pesquisa são mínimos, uma vez que, seriam oriundos da divulgação de seus dados pessoais, o que não deve acontecer, pois o conteúdo compartilhado será utilizado com objetivos estritamente acadêmicos e não sendo nomeados os participantes no momento da divulgação dos resultados. O benefício que pesquisa oferece é a oportunidade de poder contribuir para um diagnóstico ambiental e cartográfico da região da caça, que trará o enfoque importante da carne como forma de alimentação, subsistência e rito tradicional da cultura indígena. Informamos que este termo é necessário, pois, comprova que a sua participação é voluntária, sem nenhum tipo de pagamento e que você foi esclarecido sobre a natureza da pesquisa.